



**TAYNARA DE PAULA SILVA**

**A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO NEGRO NO DISCURSO  
JORNALÍSTICO**

**LAVRAS - MG  
2022**

**TAYNARA DE PAULA SILVA**

**A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO NEGRO NO DISCURSO  
JORNALÍSTICO**

Monografia apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Curso de Letras (Português/Inglês), para a obtenção do título de Licenciada.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Rogério de Oliveira Cano

**LAVRAS - MG  
2022**

*Dedico este trabalho à minha mãe, Marilda, ao meu pai, Carlos, e às minhas três incríveis irmãs, Isabela, Kelli e Andressa. Igualmente, à todos que lutaram e lutam para que a população negra possa ser vista, reconhecida e respeitada enquanto grupo composto por sujeitos plurais.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente, ao meu orientador Prof. Dr. Márcio Rogério de Oliveira Cano pela vasta sabedoria, orientação, paciência e pelo interesse em desenvolver este trabalho comigo. Além disso, por introduzir-me ao seu grupo de pesquisa GPLPD (Grupo de Pesquisa Leitura e Produção de Discursos), o qual me ajudou imensamente.

Agradeço, também, ao Prof. Dr. Gasperim Ramalho de Souza pela orientação indireta, por ter aceitado compor minha banca, pelos grandes ensinamentos e pelas falas essenciais que me ajudaram a subsidiar a construção deste trabalho e por prontamente me ajudar sempre que o procurei.

Meus imensos agradecimentos aos meus colegas Letícia Fernanda Carvalho Silva, professora de línguas decolonial e anti-imperialista, e João Victor Rodrigues de Freitas Oliveira, futuro filósofo psicanalista decolonial, parceiros de grupo de estudos raciais no GEAZ (Grupo de Estudos Amefricanos Zacimba Gaba) e grandes inspirações para a composição deste trabalho.

À minha família e amigos, que sempre me apoiaram nos mais diversos momentos e me deram força e incentivo para seguir. Sem o apoio de vocês esse trabalho não seria possível.

Por fim, mas não menos importante, à minha instituição e a todos que fazem da Universidade Federal de Lavras (UFLA) referência em qualidade de ensino, pesquisa e sustentabilidade.

*“Em nós, até a cor é um defeito. Um imperdoável mal de nascença, o estigma de um crime. Mas nossos críticos se esquecem que essa cor, é a origem da riqueza de milhares de ladrões que nos insultam; que essa cor convencional da escravidão tão semelhante à da terra, abriga sob sua superfície escura, vulcões, onde arde o fogo sagrado da liberdade”.*

*(Luís Gama)*

## RESUMO

Este trabalho se desenvolveu com o auxílio das obras discutidas no interior do grupo de pesquisa GPLPD (Grupo de Pesquisa Leitura e Produção de Discursos), cujo respaldo teórico é relacionado à Análise do Discurso e ao Discurso Midiático. Da mesma forma, o grupo de estudos GEAZ (Grupo de Estudos Amefricanos Zacimba Gaba), as obras escolhidas e nossas discussões enriqueceram este trabalho e forneceram base teórica às reflexões raciais apresentadas nele. A partir delas, refletiremos sobre os efeitos das construções discursivas do negro e sobre as diversas interpretações dos acontecimentos sociais feitas através de processos narrativos. Portanto, o presente trabalho objetiva analisar as narrativas dos discursos midiáticos, mais especificamente, notícias do discurso jornalístico, as contextualizando em suas condições sociais, políticas e culturais. Revelando, com ele, como contribuíram para a constituição do sujeito negro e suas subjetividades, além de legitimar e perpetuar diversas crenças e estereótipos nocivos acerca dele. Para isso, escolhemos cinco jornais, um de cada região do Brasil, para compor o nosso corpus e, assim, tentaremos responder às seguintes perguntas “O que é ser negro no país em que se nega a existência do racismo? como esse negro é visto, como é representado com os diversos processos de apagamento e extinção de seus corpos? e como o processo colonial contribuiu para essa representação e como ele influencia as relações sociais nos dias de hoje?”. Dessa forma, será analisado o papel dos discursos do grupo dominante na construção social, pois, obtendo o poder de falar por si e pelo outro, o grupo se coloca em situação vantajosa, capaz de se construir exaltando suas positivities e se colocando em uma posição de superioridade. Desse modo, para a análise, tanto quantitativa como qualitativa do *corpus*, utilizamos os métodos da Análise do Discurso Crítica e Semântica Discursiva propostos pelo linguista holandês Teun A. Van Dijk (1993; 1997; 2000; 2015).

**Palavras-chave:** Construção Social. Negro. Racismo. Discurso Jornalístico. Análise do Discurso Crítica.

## ABSTRACT

This work was developed with the help of the theoretical support discussed in the research group GPLPD (Research Group Reading and Production of Discourses) related to Discourse Analysis and Media Discourse. Likewise, in the GEAZ study group (Grupo de Estudos Amefricanos Zacimba Gaba), the selected works and our discussions enriched this work and provided the theoretical basis for the racial reflections presented in it. From them, we will reflect on the effects of the discursive constructions of black people and on the different interpretations of social events made through narrative processes. Therefore, the present work aims to analyze the narratives of media discourses, more specifically, news from journalistic discourse, contextualizing them in their social, political, and cultural conditions. Revealing how they contributed to the constitution of the black subject and their subjectivities, in addition to legitimizing and perpetuating various harmful beliefs and stereotypes about them. For this analysis, we chose five newspapers, one from each region of Brazil, to compose our corpus so we will try to answer the following questions: “What is it like to be black in a country where the existence of racism is denied? how is this black person seen, how is he represented with the various processes of erasure and extinction of their bodies? and how did the colonial process contribute to this representation and how does it influence social relations today?”. In this way, the role of the discourses of the dominant group in social construction will be analyzed, because, obtaining the power to speak for itself and for the other, the group places itself in an advantageous situation, capable of building itself by exalting its positivities and placing itself in a superior position. Thus, for the analysis, both quantitative and qualitative of the corpus, we used the methods of Critical Discourse Analysis and Discursive Semantics proposed by the Dutch linguist Teun A. Van Dijk (1993; 1997; 2000; 2015).

**Keywords:** Social Construction. Black. Racism. Journalistic Discourse. Critical Discourse Analysis.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	8
<b>2</b>	<b>RAÇA E RACISMO</b> .....	10
2.1	RAÇA .....	10
2.2	RACISMO .....	12
<b>3</b>	<b>REPRESENTAÇÃO DO NEGRO</b> .....	16
3.1	PERCURSO HISTÓRICO DA REPRESENTAÇÃO NEGRA .....	17
3.2	REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO NEGRO .....	23
3.2.2	<b>Mitos Fundadores</b> .....	25
3.2.2	<b>O que significa ser negro no Brasil?</b> .....	27
<b>4</b>	<b>ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO</b> .....	28
4.1	MODELOS MENTAIS E A INTERFACE COGNITIVA .....	29
4.2	SEMÂNTICA DISCURSIVA .....	30
<b>5</b>	<b>DISCURSO MIDIÁTICO</b> .....	36
5.1	DISCURSO JORNALÍSTICO .....	41
5.1.1	<b>Racismo no Discurso Jornalístico</b> .....	43
<b>6</b>	<b>METODOLOGIA E ANÁLISE DO CORPUS</b> .....	45
6.1	METODOLOGIA .....	45
6.2	ANÁLISE DO CORPUS .....	47
<b>7</b>	<b>CONCLUSÕES</b> .....	65
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	67
	<b>ANEXO A</b> .....	71

## 1. INTRODUÇÃO

Como pesquisadora negra, o presente tema foi escolhido pois seu conteúdo apresenta conceitos e conclusões extremamente importantes para nós. Desde a infância, lidamos com as problemáticas da sub-representação e do apagamento de pessoas negras nos mais diversos segmentos do discurso. Não nos enxergávamos em lugar nenhum e nos espelhávamos em personagens e personalidades brancas, querendo não ser como éramos, sempre buscando ser o mais parecidas possível com as pessoas que admirávamos, negando, assim, nossa negritude. Até que, já no início da adolescência, nos deparamos com representações positivas, autosuficientes e belas nos mais diversos segmentos discursivos<sup>1</sup> (audiovisual fictício, literário, publicitário, jornalístico, etc.), o que foi um divisor de águas em nossas vidas e na forma com que nos enxergávamos. Por essa razão, esse tema é de extrema importância, a forma com que as pessoas negras são representadas, com que frequência aparecem, onde mais aparecem e onde menos aparecem são questões bastante debatidas ultimamente, mas muitas vezes não há uma precisão das porcentagens e análises mais profundas sobre a subjetividade desses representações.

A presente dissertação, “A Construção Social do Negro no Discurso Jornalístico”, trata-se de um trabalho de conclusão de curso da graduação em Letras (Português/Inglês) pela Universidade Federal de Lavras (UFLA). O referido trabalho problematiza narrativas que moldam as subjetividades dos personagens, definindo seu papel e caráter de forma simplória, estática e, muitas vezes, imutável. Além disso, abordará quais papéis aqueles que controlam a narrativa e o que será enfatizado oferecem à população negra. São usados diversos recursos semióticos para reforçar essa ideia que ocorre, segundo Teun Van Dijk, a partir de uma polarização grupal que: enfatiza os aspectos positivos do “nós” (o grupo pertencente ao detentor das narrativas); enfatiza os aspectos negativos/ limitados “deles”, (o grupo dos “vilões sociais”, aqueles a serem excluídos/combatidos); dá pouca atenção ou ignora os aspectos positivos do “eles”; e pouca atenção ou ignora aos negativos do “nós”.

A importância deste trabalho se justifica pela necessidade de se observar as manipulações e violências discursivas encontradas nos gêneros textuais mais influentes e cotidianos presentes

---

<sup>1</sup> Consideramos “discurso” e “segmentos discursivos” assim como Van Dijk (2015, p. 135-136) os entende, como “um evento comunicativo específico, em geral” e em particular, uma forma oral, escrita e semiótica (desenhos, imagens, fotografias, etc.) de interação verbal ou uso da língua.

na sociedade, que, muitas vezes, moldam nossa forma de pensar sem que percebamos. Segundo Charaudeau (2013), o discurso midiático reflete o espaço social e o espaço social é, por sua vez, refletido por ele, com isso, temos que os discursos não apenas influenciam e constroem a sociedade, mas também são influenciados e construídos por ela. Não é raro nos depararmos com manifestações que confirmam a existência do racismo e muitos de seus preconceitos, estereótipos e ideologias subjacentes são adquiridos, produzidos, reforçados e reproduzidos através do discurso.

Neste trabalho, utilizamos o termo "poder" para referenciar as relações socialmente construídas entre indivíduos, instituições e comunidades, através das quais, recursos simbólicos e materiais são produzidos, distribuídos e validados por um grupo hegemônico. O nosso objeto de estudo é a análise do papel da mídia contemporânea no processo de construção da imagem e opinião popular sobre os grupos raciais minoritários<sup>2</sup> e periféricos/população negra, bem como analisar e investigar as estratégias discursivas que construíram e constroem narrativas sociais que inferiorizam e invisibilizam os grupos minoritários na prática discursiva. Ou seja, buscamos entender e refletir sobre os sentidos atribuídos à população negra nas narrativas midiáticas, quais efeitos isso pode gerar e como eles são expressos no discurso midiático. Para analisar a produção de sentido estabelecida por tais estratégias, temos como principal conduta teórica a Análise Crítica do Discurso (doravante ACD). Tal teoria concebe o discurso como uma prática social e oferece subsídios para que sejam analisadas criticamente problemáticas sociais embutidas nos vários tipos de discurso, os modos como as estruturas específicas do discurso são organizadas para a (re)produção da dominação social e a construção dos atores sociais, dando enfoque em como são legitimadas, reforçadas ou refutadas no contexto social e político (VAN DIJK, 2015).

A metodologia desse trabalho se dará através da revisão bibliográfica de teorias decoloniais e linguísticas pesquisadas no Google Acadêmico, com enfoque na ACD (VAN DIJK, 2015), na Semântica do Discurso (VAN DIJK, 1997) e nas teorias sobre Negritude e Racismo, somado a um exercício de análise quantitativa e crítica do discurso do corpus linguístico, o qual é composto por discursos do meio jornalístico, os quais reproduzem valores, crenças e visões eurocêntricas, bem como a promoção da exclusão, homogeneização e estereotipificação da população negra. O conteúdo deste trabalho foi dividido em cinco capítulos, adicionados à introdução e à conclusão. Dessa forma, no capítulo dois, intitulado: "Raça e Racismo", abordamos os conceitos de raça e racismo, os quais são basilares para o desenvolvimento do

nosso trabalho, expondo o que a literatura fala sobre suas origens, motivações e sua relevância nos dias atuais. No três, nomeado “Representação do Negro”, discutiremos sobre de que formas os negros foram representados ao longo da história, bem como a forma com que o grupo dominante (re)produz, controla e legitima os principais estereótipos e crenças acerca de sua subjetividade. No quatro, “Análise Crítica do Discurso”, trouxemos os conceitos sobre a ACD (VAN DIJK, 2015) e a Semântica do Discurso (VAN DIJK, 1997) que nortearão as análises deste trabalho. No capítulo cinco, “Discurso Midiático”, elucidamos as noções acerca do discurso midiático de forma geral, e do campo discursivo escolhido, o discurso jornalístico, de forma mais específica, além de justificar os motivos pelos quais o gênero notícia é o ideal para ser analisado. No capítulo seis “Metodologia de Análise do Corpus”, apresentamos como o corpus foi selecionado e analisado, além de apresentarmos as conclusões quanto aos dados analisados e as matérias e dos títulos selecionados.

## 2. RAÇA E RACISMO

Gostaríamos de trazer, brevemente, os conceitos de *raça* e *racismo*, termos cuja importância para esse trabalho é grande. Não podemos explorar a temática dessa pesquisa satisfatoriamente sem que as definições para ambos esses termos estejam bem delineadas, sendo possível compreender não apenas as razões para os seus usos ao longo do texto, como também as fundamentações e legitimações de diversas injustiças advindas da noção de ‘superioridade x inferioridade’ expressos nos discursos públicos presentes em nosso cotidiano. Isso faz com que a ideia da divisão da humanidade em raças fictícias permaneça resistente nas representações mentais e no imaginário coletivo dos povos e sociedades contemporâneas (MUNANGA, 2020), pois “ainda que o discurso possa parecer apenas "palavras" [...] a escrita e a fala desempenham um papel vital na reprodução do racismo contemporâneo” (VAN DIJK, 2015, p. 133), sendo o discurso um grande meio para a (re)produção de preconceitos e estereótipos raciais.

### 2.1 RAÇA

A ideia de subdivisões dos seres humanos em raças, cujas diferenciações são majoritariamente pautadas em atributos físicos, há muito tempo foi refutada pela comunidade científica. “Conceitualmente, a categoria "raça" não é científica. As diferenças atribuíveis à "raça" numa mesma população são tão grandes quanto aquelas encontradas em populações racialmente definidas” (HALL, 2003 p. 69). Stuart Hall (2003) conclui, assim, que "raça"

seria uma construção política e social, uma categoria discursiva que sustenta um sistema de poder socioeconômico, de exploração e de exclusão, ou seja, *o racismo*. E, enquanto prática discursiva, empenha-se em justificar as diferenciações culturais e sociais que legitimam a discriminação racial baseada em distinções biológicas. Portanto, mesmo com a rejeição da ciência contemporânea em se pautar em tal diferenciação, tal conceito ainda persiste em seu caráter ideológico, o qual divide e subjuga as pessoas baseado na crença da superioridade de um grupo sobre o outro.

Entrementes, Sílvio de Almeida (2018, p. 40), conceitua raça como “uma relação social, o que significa dizer que a raça se manifesta em atos concretos ocorridos no interior de uma estrutura social marcada por conflitos antagônicos”. Similarmente, Karl Monsma (2013) faz uma análise histórica acerca das várias definições de raça e racismo. Citando autores como Michael Banton (1977), o qual discorre sobre as primeiras definições de raça na Europa, que se configurava como grupos humanos com uma mesma ascendência, mas ainda sim, era usado para justificar uma superioridade de certos grupos sobre outros, “várias aristocracias se pensavam como descendentes de conquistadores de outra terra com “sangue” superior” (apud, MONSMA, 2013, p. 2).

O conceito de Monsma (2013) corrobora com a afirmação de que a diferenciação de “raças” entre os seres humanos seria apenas um conceito ultrapassado, há muito tempo abandonado pela biologia e pelos biólogos, pois as diferenças genéticas observáveis em pessoas de origens distintas são menores que aquelas em pessoas de mesma origem, “existe muito mais variação genética dentro de cada uma dessas populações que entre elas” (MONSMA, 2013, p. 3). Conforme Neusa Souza Santos havia enfatiza em seu livro “Tornar-se negro”, essa diferenciação, baseada na interpretação social dos atributos físicos dos seres humanos, ainda tem relevância enquanto construção social (MONSMA, 2013). Com isso, temos que tais ideias de divisão humana em subgrupos foram forjados para tentar fundamentar a dominação entre os povos/grupos e que raça seria um instrumento inventado para sustentar as normas sociais vigentes (GUIMARÃES, 2012). Essa visão é compartilhada por Munanga (2020, p. 15) que também fala sobre a significância social das raças, já que

[...] se cientificamente a realidade da "raça" é contestada, política e ideologicamente esse conceito é muito significativo, pois funciona como uma categoria de dominação e exclusão nas sociedades multirraciais contemporâneas observáveis.

Além disso, o autor postula que para ser racista é necessário crer na existência de uma hierarquia entre as raças, e devido às inúmeras atrocidades cometidas baseadas nas crenças de superioridade racial ao longo da história, conclui-se que a discriminação de pessoas pautadas nos ideais de raça, o que se configura como racismo, é uma problemática real observável em nossa sociedade (MUNANGA, 2020).

## 2.2 RACISMO

Racismo é, como afirma Almeida (2018, p. 25), “uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens, ou privilégios, a depender ao grupo racial ao qual pertencam”. Portanto, o racismo seria o conjunto de crenças limitadas e estereotipadas acerca do conceito de “raça” sustentadas ao longo dos séculos, aliada a práticas discriminatórias, mantendo um sistema estruturado por privilégio e opressões. Tais crenças residem na persistência em se estabelecer uma correlação entre atributos físicos e características morais, intelectuais, emocionais e de personalidade, como a inteligência, a sensualidade, a honestidade, a resiliência ou a afetividade, baseadas na crença de que certas características são essenciais a certos grupos racializados e que seriam herdadas de geração em geração (MONSMA, 2013).

Em sua contribuição para o debate, Hall (2003), ao dizer que o racismo privilegiaria atributos físicos como a cor da pele, retoma a questão da legitimação das diferenças sociais e culturais, exemplificando a associação dos afrodescendentes a seus “atributos essenciais”

A "negritude" tem funcionado como signo da maior proximidade dos afro-descendentes com a natureza e, *consequentemente*, da probabilidade de que sejam preguiçosos e indolentes, de que lhes falem capacidades intelectuais de ordem mais elevada, sejam impulsionados pela emoção e o sentimento em vez da razão, hipersexualizados, baixo autocontrole tendam a violência etc. (HALL, 2003, p. 70)

Nesse ínterim, Van Dijk (2015) vai dizer que o sistema racial é composto por dois subsistemas: um social e um cognitivo. O social é composto por “práticas sociais de discriminação no (micro)<sup>2</sup> nível local, e por relações de abuso de poder por grupos,

---

<sup>2</sup> “O uso da linguagem, do discurso, a interação verbal e a comunicação pertencem ao micronível da ordem social” (p. 116).

organizações e instituições dominantes em um (macro)<sup>3</sup> nível de análise” (VAN DIJK, 2015, p. 134), isto é, práticas discriminatórias nos campos linguístico e discursivo, bem como suas implicações para as relações de poder na sociedade. Já o cognitivo, trata das representações mentais socialmente compartilhadas consistentes em “modelos tendenciosos de interações e eventos étnicos, que por sua vez, encontram-se enraizados em preconceitos e ideologias racistas” (VAN DIJK, 2015, p. 134 e 135), ou seja, as representações negativas apreendidas através da comunicação, que dão subsídio ao preconceito, por essa razão,

Essas representações mentais do racismo são tipicamente expressas, formuladas, defendidas e legitimadas no discurso e podem assim ser reproduzidas e compartilhadas dentro do grupo dominante. Esse é essencialmente o modo como o racismo é "aprendido" na sociedade. (VAN DIJK, 2015, p. 135)

Para legitimar e disseminar essas representações mentais, as teorias raciais promovidas pelo racismo científico desempenharam um papel muito importante ao longo da história e trabalharam para sustentar, através de argumentos ditos científicos, não só a noção de superioridade do branco europeu, mas também a inferioridade de negros e mestiços. É importante salientar que esse ciclo se mantém através de epistemes coloniais<sup>4</sup>. Munanga (2020) discorre sobre tais discursos pseudojustificativos<sup>5</sup> (MUNANGA, 2020, p. 24) que legitimaram atrocidades, criaram e perpetuaram estereótipos e desumanizaram povos. Um dos primeiros a ser difundido foi o discurso da missão civilizadora que teria como propósito “tirar o negro da condição de selvagem”, lhe impondo seus costumes e crenças, para assim, transformá-lo em um ser superior, como o europeu. A partir disso, foi justificada toda a exploração da força de trabalho, a invasão de territórios, a expropriação de recursos, dentre outras violências (MUNANGA, 2020). Almeida (2018) reitera que “foi esse movimento de levar a civilização para onde ela não existia que redundou em um processo de destruição e morte, de espoliação e aviltamento feito em nome da razão e a que se denominou de capitalismo”. (ALMEIDA, 2018, p. 21).

Continuando a falar sobre tais discursos, Munanga (2020) cita o filósofo Heródoto (484 a.c.-425 a.c.) que, com a teoria dos climas, afirmou que em zonas temperadas o

<sup>3</sup> “O poder, a dominação e a desigualdade entre grupos sociais são tipicamente termos que pertencem ao macronível de análise” (p. 116).

<sup>4</sup> Sousa Santos em seu livro “o Fim do Império Cognitivo” em seu primeiro capítulo, intitulado “Percurso para as epistemologias do Sul”, explica o processo perverso de construção e reprodução dos modelos mentais legitimados desde o processo de colonização da América até os dias de hoje, além de apontar como as epistemologias do sul se construíram enquanto forma de reação a esse império.

<sup>5</sup> termo usado por Munanga (2020), para se referir aos discursos legitimadores baseados em argumentações ditas científicas.

desenvolvimento de civilizações era favorecido em detrimento de zonas muito quentes ou muito frias. Conde de Buffon (1707-1788) compartilhava dessa crença, afirmando que em zonas temperadas, “os homens eram mais bonitos e bem-feitos” (p. 27) e que os povos civilizados deveriam ser os responsáveis pelo futuro do mundo por sua superioridade. Diversos europeus desembarcando na costa africana, retrataram os africanos como seres de outro mundo com características físicas distorcidas: “gente sem cabeça ou com ela no peito, com chifres na testa, ou com um só olho” (p. 26). Similarmente, Chimamanda Ngozi Adichie, em seu TED Talk<sup>6</sup>, cita alguns relatos do mercador John Locke ao viajar para o oeste do continente em 1561,

Após referir-se aos negros africanos como “bestas que não tem casas”, ele escreve: “Eles também são pessoas sem cabeças, que “têm sua boca e olhos em seus seios.” Eu rio toda vez que leio isso, e deve-se admirar a imaginação de John Locke. Mas o que é importante sobre sua escrita é que ela representa o início de uma tradição de contar histórias africanas no Ocidente. Uma tradição da África subsaariana como um lugar negativo, de diferenças, de escuridão, de pessoas que, nas palavras do maravilhoso poeta, Rudyard Kipling, são “metade demônio, metade criança”. (ADICHIE, 2009)

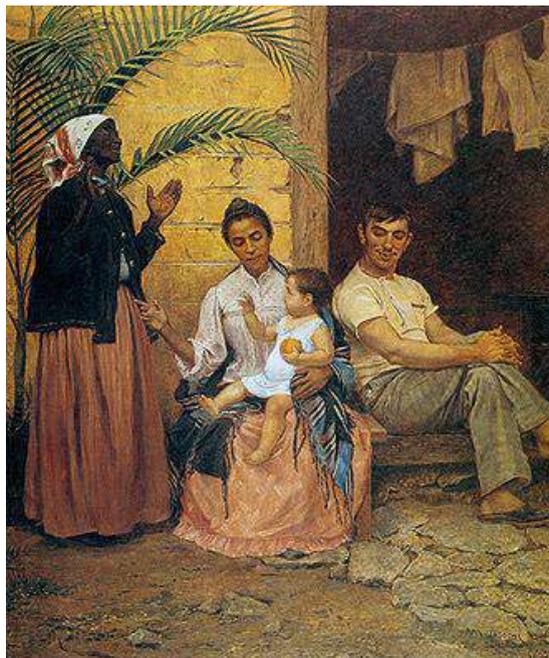
Tal visão europeia de retratar a população negra africana como algo bestial e estranho demonstra esse controle que eles tinham e ainda têm sobre as narrativas e as formas de se representar outros povos, narrando os mesmos absurdos e “reatualizando sempre os mesmos mitos que faziam da África negra um mundo habitado por monstros, seres semi-homens, semi animais” (MUNANGA, 2020, p. 25). O mito camítico<sup>7</sup> é citado em seguida, pois a partir dele, foi difundido que os negros são descendentes de Cam, o qual após ter visto seu pai, Noé, nu e embriagado e ter zombado do mesmo, teve, então, sua descendência amaldiçoada por ele, a condenando a ser “serva dos servos”, e há versões que descrevem tal maldição com Canaã (filho de Cam) se tornando negro por castigo, similarmente ao que aconteceu com Caim<sup>8</sup> (MUNANGA, 2020). Na contramão, tem-se a obra “A Redenção de Cam”, representando as teorias científicas do branqueamento, que viam o negro como o atraso e visavam clarear o perfil racial do Brasil através da mestiçagem, se baseiam na crença de que, o negro poderá livrar sua linhagem da maldição e terá sua redenção caso seja extinto.

#### FIGURA 1 — A Redenção de Cam

<sup>6</sup> Chimamanda Adichie: o perigo de uma única história. Disponível em: <https://youtu.be/D9Ihs24Izeg>

<sup>7</sup> Tal mito, conhecido como “A Maldição de Cam” é baseado na história do livro Gênesis, e foi uma justificativas teológicas que respaldou, em 1455, a escravidão e as explorações da África pelo Reino de Portugal e impediu, até, em algumas congregações, que homens negros fossem ordenados clérigos.

<sup>8</sup> segundo os cristãos, o qual recebeu uma marca na pele por Deus como castigo.



Fonte: "A Redenção de Cam" (1895), de Modesto Brocos (ilustração).

Brocos (1852-1936)<sup>9</sup> descreve a tela da seguinte forma: “O negro passando a branco, na terceira geração, por efeito do cruzamento de raças”. A tela mostra o objetivo do ideal de branqueamento do Brasil, extinguir qualquer resquício de negritude da população brasileira. A mulher mais velha de pé, negra retinta, com as mãos para cima celebrando a sua redenção, sentada ao seu lado, está o que parece ser sua filha, de pele mais clara, já dando indícios do início do processo de branqueamento e em seu colo, seu filho, “negro passando a branco”, resultado satisfatório da terceira geração das famílias brasileiras; o pai, branco, ao lado, olha satisfeito para a criança. Em sua contribuição para o debate, Neusa Santos Souza (1983) tece uma conclusão das violências ideológicas causadas pelos ideais de branqueamento da população brasileira

O racismo esconde seu verdadeiro rosto. Pela repressão ou persuasão, leva o sujeito negro a desejar, inventar ou projetar um futuro identificatório antagônico em relação à realidade de seu corpo e de sua história étnica e pessoal. Todo ideal identificatório do negro converte-se, desta maneira, num ideal de retorno ao passado, onde ele poderia ter sido branco, ou na projeção de um futuro, onde seu corpo e identidade negros deverão desaparecer. (SOUZA, 1983, p. 5)

E, logo a seguir, ela conclui com uma frase impactante e de difícil leitura, já que se trata de uma frase que retrata a grande violência cognitiva imposta aos negros, “o negro, no desejo de

<sup>9</sup> artista espanhol naturalizado brasileiro,

embranquecer, deseja, nada mais, nada menos, do que a própria extinção” (SOUZA, 1983, p. 5). Isso mostra como tal discurso se torna extremamente eficaz, por manter o lugar de privilégio da raça branca e, em relação à raça negra, por auxiliar no apagamento dos horrores históricos que se presentificam em espaços bem definidos de poder. Conforme os europeus, a cor preta significa “mancha moral e física, a morte e a corrupção” (MUNANGA, p. 26) e o branco remete à pureza, e à vida. Para a Igreja, o preto representa o pecado e a maldição divina, baseado nisso, missionários associaram a resistência dos negros à conversão religiosa à sua natureza pecaminosa e corrupta, e “a única maneira de “salvar” esse povo tão corrupto era a escravidão” (MUNANGA, p 27). É possível observar associações que remetem tais ideais em nosso vocabulário cotidiano, diversas expressões que nos remetem a conceitos ruins e intrinsecamente negativos são relacionadas com a palavra negro/preto, como ‘mercado negro’, ‘magia negra’, ‘lista negra’, ‘ovelha negra’, ‘a coisa tá preta’, ‘denegrir’, entre outras várias expressões em que a palavra 'negro' remete a algo pejorativo, oposta a isso, conceitos bons e intrinsecamente positivos, como ‘inveja branca’, ‘preto de alma branca’, ‘bandeira branca’, etc.

### **3. REPRESENTAÇÃO DO NEGRO**

Desde o início das explorações europeias, os povos “descobertos” foram utilizados como objeto de análise, enquanto o europeu branco era o universal, tanto sua aparência, quanto seus valores e cultura. “Quem são esses recém descobertos (ameríndios, negros, melanésios, etc.)? São bestas ou são seres humanos como “nós”, europeus?” (MUNANGA, 2004, p. 1 e 2). A partir disso, temos que o branco se colocou como figura normativa e universal de ser humano, enquanto o negro, ser secundário, precisava ser explicado através de teorias (MUNANGA, 2020). Nesse sentido, Van Dijk (2015) postula sobre como os grupos que controlam as várias formas públicas de comunicação podem exercer domínio sobre as mentes de membros dos grupos dominados, mesmo que tal poder não seja absoluto, já que os ‘grupos dominados’ podem consentir, legitimar, normatizar ou resistir a esse poder. Além disso, tal poder nem sempre é escancaradamente abusivo e impositivo, já que, com o tempo, passa a fazer parte da estrutura cotidiana, é normatizado, considerado senso comum (VAN DIJK, 2015).

Isso quer dizer que os discursos hegemônicos<sup>10</sup> do grupo dominante foram e são capazes de controlar as mentes de membros de outros grupos, ao ponto de serem introduzidos às normas e consensos sociais que, por sua vez, foram legitimados e acatados pelos grupos dominados, “limitando dessa forma a liberdade de ação dos outros ou influenciando seus conhecimentos, atitudes ou ideologias” (VAN DIJK, 2015, p. 88). Assim, sendo necessário, ao longo dos anos, exercícios críticos e reflexivos constantes para que tais discursos possam ser refutados e para que houvesse resistências ocasionadas por diversas lutas. A partir da teoria de Shohat e Stam (1994), Van Dijk (2015) aborda a questão das representações enviesadas sobre o outro e a influência daqueles que têm o poder de controlar as mentes e narrar esse outro:

Oscilando entre a ênfase na diferença exótica, por um lado, e a depreciação supremacista, salientando a inferioridade intelectual, moral e biológica do Outro, por outro lado, esses discursos também influenciaram a opinião pública e deram origem a representações sociais amplamente compartilhadas. É a continuidade dessa tradição sociocultural de imagens negativas sobre o Outro que também parcialmente explica a persistência dos padrões dominantes de representação no discurso contemporâneo, na mídia e no cinema (*apud*, VAN DIJK, 2015, p. 128).

Isso é construído não apenas pelas diferenciações físicas, mas por um nível mais profundo chamado de “identidade”, segundo Gomes (2005, p. 41) comentando sobre a teoria da antropóloga Silvia Novaes (1993), diz que o nós se refere à identidade e que ela, um conjunto de características físicas, culturais, etc. que são comuns a um grupo e que “torna-se um recurso indispensável ao sistema de representações que um grupo social qualquer terá condições de reivindicar para si um espaço social e político de atuação em uma situação de confronto”. Ainda segundo a autora, as identidades não são inatas e se constroem através de um espelhamento, pois “o *meu* mundo, o *meu* eu, a *minha* cultura, são traduzidos também através do outro, de *seu* mundo e de *sua* cultura, do processo de decifração desse outro, do diferente” (GOMES, 2005, p. 42). De forma corroborante, Staszak (2008) traz a perspectiva de alteridade<sup>11</sup>, a qual é produzida discursivamente. Isso se justifica pois, para ele, alteridade é um processo discursivo pelo qual o grupo dominante (nós) constrói as subjetividades de grupos dominados (eles; o Outro) através da estigmatização de diferenças reais ou imaginárias, as quais reduzem e limitam as identidades desses grupos, podendo se constituir como um motivo para a discriminação. E assim como no trabalho de Gomes (2005, p. 43),

<sup>10</sup> "O poder dos grupos dominantes pode estar integrado a leis, regras, normas, hábitos e mesmo a um consenso geral, e assim assume a forma do que Gramsci denominou "hegemonia". (VAN DIJK, 2015, p. 118)

<sup>11</sup> No original: 'Otherness'.

este trabalho também entende a identidade negra “como uma construção social, histórica, cultural e plural”.

### 3.1 PERCURSO HISTÓRICO DA REPRESENTAÇÃO NEGRA

As explorações europeias a partir do século XV deram à Europa grande espaço para se expandir, subjugar povos com base em sua visão de mundo, expropriar suas terras, negar sua humanidade e submetê-los ao trabalho forçado visando seu lucro e a submissão à sua língua, cultura e estilo de vida. Esse processo denominado colonização ocorreu em várias partes do globo, tendo como prática econômica a dominação sobre corpos racializados (nativos e africanos), isto é, a escravidão. No entanto, somente os africanos, os quais, por diversas justificativas teológicas, não poderiam ser salvos pelas missões como ocorreu com os nativos, para eles, restou o trabalho forçado e a total desconexão com as suas raízes. A América, o Novo Mundo, o principal porto de navios negreiros advindos do continente africano e o Brasil, o país que mais recebeu africanos escravizados entre os séculos XVI e XIX.

No entanto, a prática escravocrata não surgiu com as explorações europeias e nem sempre teve motivações raciais, como é bem apresentado por Ribeiro (2021) em sua tese, houve outras formas de escravidão. Trazendo alguns dos destaques de Moore (2007, p. 224), como

- a) *A escravidão doméstico-serviçal*, geralmente ancorada nas estruturas de famílias, abarca um número limitado de pessoas na sociedade [...].
- b) *A escravidão econômica generalizada* [...] perdurou ao longo da época medieval europeia até o século XV. [...] encontra-se toda a sociedade livre que repousa sobre o trabalho de uma classe de escravos, violentamente reprimida, implacavelmente vigiada, considerada jurídica e moralmente como coisa;
- c) *A escravidão-racial de plantation*, surgida pela primeira vez no Oriente Médio a partir do século IX [...] praticada a partir do século XV até o final do século XIX [...] A diferença notável e substancial desta última categoria reside no fato de que o estatuto escravo é reservado exclusivamente a uma raça-alvo: a chamada raça negra. (apud, RIBEIRO, 2021, p. 36)

Mas com as legitimações científicas que deram subsídio para a noção de inferioridade dos novos povos, tal sistema passou a ser baseado nas crenças que sustentam a discriminação étnico-racial (RIBEIRO, 2021). Também a partir desse período, as navegações europeias desembarcaram no Brasil, com isso, a Igreja se comprometeu com a missão da evangelização das novas terras, difundindo a fé cristã nesses locais. Segundo Bilheiro (2008), as legitimações para tal prática se pautaram em diversas justificativas teológicas, uma delas, seria a *doutrina da guerra justa*, que seria a submissão dos corpos negros através do combate,

dando a eles uma chance divina de manter-se vivos. Havia também da *maldição divina*, que tomava três formas de associar a escravidão a um castigo divino: na primeira, o castigo é associado ao pecado de Adão e Eva; na segunda, como apresentado anteriormente, os africanos seriam os descendentes de Caim, que segundo a Bíblia, foi o primeiro homicida da história, matando o próprio irmão por ciúmes e recebendo de Deus uma maldição, uma marca em sua pele para que não morresse e pagasse eternamente por seu pecado, tal marca foi posteriormente associada aos africanos e a escravidão, uma forma de punição aos descendentes do primeiro homicida da história; e na terceira, também supracitada, há a associação dos africanos aos descendentes de Cam, o mito camítico. Como é possível observar, as duas últimas justificativas foram destinadas a um grupo específico, os negros, e todas elas camuflavam o interesse econômico e os benefícios para a colonização que o tráfico e trabalho forçado de africanos proporcionava (BILHEIRO, 2008). Além disso, interpreta-se no contexto bíblico que a escravização também tinha um viés religioso e político, no sentido de impedir a disseminação de crenças em outras figuras sagradas, a cultura e a língua dos escravizados.

A partir do século XVI, houve o crescimento do cientificismo e o chamado racismo científico, que pregava, com base em diversos estudos enviesados (como a frenologia<sup>12</sup>), a inferioridade dos negros em relação aos brancos em termos físicos, intelectuais, morais<sup>13</sup> e até as influências das condições climáticas. Tais teorias, algumas delas explicadas anteriormente, foram usadas como justificativa para a escravidão e para o colonialismo, pois afirmavam a superioridade do branco europeu em detrimento de outros povos, bem como influenciaram teóricos raciais brasileiros.

### 2.1.1 Século XIX: Abolição e pós-abolição

A abolição no Brasil se deu aos poucos, através de leis abolicionistas que garantiam que apenas uma parte dos escravizados fosse liberto por vez. Primeiramente, tivemos a Lei Eusébio de Queirós (1850), a qual estabeleceu medidas para a proibição do tráfico de africanos nos navios negreiros; após isso, veio a Lei do Ventre Livre (1871), que considerava livres<sup>14</sup> os nascidos após a sua implementação. A Lei dos Sexagenários (1885), como resposta

---

<sup>12</sup> pseudociência que afirma que o tamanho e o formato do crânio são indicativos das faculdades e aptidões mentais.

<sup>13</sup> Com relação à moralidade, pode-se entender propensão ao crime e à 'malandragem'.

<sup>14</sup> mas os senhores de escravos receberam uma indenização caso os libertasse até os 8 anos de idade

à grande pressão dos abolicionistas, visava alforriar os escravizados acima de 60 anos, no entanto, os mesmos teriam que trabalhar por mais dois anos para que seus senhores fossem indenizados. Por último, veio a Lei Áurea (1888), decretando a abolição da escravatura definitiva, foi resultado da forte pressão popular sobre as políticas do Império, libertando, assim, o restante da população escravizada. Tal processo foi fortemente controlado pelos parlamentares da época, os quais não tinham como objetivo reformar a estrutura fundiária e social, mas sim, remover o obstáculo do desenvolvimento econômico, isto é, o sistema escravista, considerado retrógrado. Pois, com a implantação de uma dinâmica capitalista, foi-se aos poucos percebendo que, segundo o historiador Caio Prado Jr., o “capitalismo era incompatível com a escravidão” (*apud*, MARINGONI, 2011).

Tais parlamentares queriam manter o inevitável sob seu controle e seus termos, evitando ter que lidar com diversas revoltas e guerras civis que teriam desfechos imprevisíveis para a elite brasileira, além disso, julgavam que os escravizados eram indefesos, portanto precisavam que o bom homem branco, que é “culto e influente”, fale por ele e o defenda (MARINGONI, 2011). Para sustentar esse argumento, Maringoni apresenta o pensamento de dois políticos abolicionistas da época, José do Patrocínio que acreditava que a abolição era “uma revolução de cima para baixo. O povo não teria força por si só para realizar a abolição da escravidão” (*apud* MARINGONI, 2011) e o deputado Joaquim Nabuco (1888), em O abolicionismo, que vai dizer que

A escravidão não há de ser suprimida no Brasil por uma guerra servil, muito menos por insurreições ou atentados locais. (...) A emancipação há de ser feita entre nós por uma lei que tenha os requisitos, externos e internos, de todas as outras. É, assim, no Parlamento, e não em fazendas ou quilombos do interior, nem nas ruas e nas praças das cidades que se há de ganhar ou perder a causa da liberdade. (*apud*, MARINGONI, 2011)

Com isso, ele conclui que as pregações dos abolicionistas evoluíam duas vertentes, a primeira, de que tais decisões deveriam ser tomadas entre o Estado e os fazendeiros no espaço institucional, e não nos espaços sociais e públicos, ademais, deveriam estar dentro dos limites legais da monarquia; e segundo, que os negros se constituiriam como sujeitos passivos, não podendo se envolver no processo, já que o objetivo era libertar, mas não modificar a estrutura vigente, tampouco atender aos interesses dos negros. Citando um trecho do livro *Onda Negra, Medo Branco: O Negro no Imaginário das Elites Século XIX*, de Celia

Maria Marinho de Azevedo, Marigoni (2011) expõe um discurso que ainda se mantém no imaginário social da sociedade brasileira,

“Tudo se passa, enfim, como se os abolicionistas tivessem dado o impulso inicial e dirigido os escravos nestas rebeliões e fugas (...). Quanto aos escravos, tem-se a impressão de que são vítimas passivas, subitamente acordadas e tiradas do isolamento das fazendas pelos abolicionistas; ou então (...) a ideia que se passa é a de que o negro, apesar de toda a sua rebeldia, estava impossibilitado de conferir um sentido político às suas ações”. (apud, MARINGONI, 2011)

Essa ideia ainda persiste nos dias atuais, devido à forma com que as narrativas correspondentes a tal período são apresentadas e reforçadas nos gêneros textuais e discursivos, tais como telenovelas, contos infantis, filmes, materiais didáticos, etc; e como são omitidas a participação, as figuras constituintes e a rebeldia dos escravizados em todo o processo desde o sequestro na África até a libertação. São vistos como um bloco único de pessoas que apenas sofreram passivamente durante 300 anos, como se aceitassem o seu destino, salvos algumas tentativas de fugas aqui e ali e, por um ato de benevolência da monarquia, foram libertos. São definidos, não por nomes, mas pela condição de vida a eles imposta, um artigo e um substantivo, ambos no masculino plural, definem a grande união forçada de vários povos advindo de diferentes partes da África, que exerceram diferentes funções em diferentes partes do Brasil e do mundo, essa grande diversidade foi ignorada, negada e violentamente apagada: “os escravos”. Para a narrativa dominante, é tudo o que eles foram, não podiam ser outra coisa, e para os que infelizmente morreram sem receber a alforria, é tudo o que são.

Corroborando com essa ideia, Abdias do Nascimento (2002, p. 28) postula que “a história do Brasil é uma versão concebida por brancos, para os brancos e pelos brancos”, já que exhibe a versão do grupo dominante dos acontecimentos histórico-sociais. É revestida por uma discursividade de harmonia e benevolência por parte dos brancos, estes recebendo grande parte do destaque, se colocando no papel de protagonistas em nossa história e o negro, em contrapartida, recebe o papel de figurante, subalterno, minoria. O autor continua, fazendo a comparação do poder de narrar a história nacional com toda a dominação estrutural da minoritária elite branca sobre a maioria da população, “exatamente como toda a sua estrutura econômica, sociocultural, política e militar tem sido da maioria da população para o benefício exclusivo de uma elite minoritária brancóide, resumidamente de origem europeia” (NASCIMENTO, 2002, p. 28).

Após a abolição, os, agora ex-escravizados, não mais poderiam exercer sua força de trabalho aos senhores, na visão da sociedade, “perderam sua utilidade”, passando a ser vistos como um fardo, inválidos, sendo, por sua vez, segregados, já que os senhores se recusariam a pagar pelos serviços que antes tomavam pela força. Os libertos foram deixados à própria sorte, não foram promovidos subsídios para que essa parte da população pudesse ser introduzida na sociedade e sua cidadania foi negada (AMÂNCIO, 2019). Não encontrando moradia ou oportunidades de trabalho nas lavouras, os negros libertos foram em busca de moradia e oportunidades nas grandes cidades, porém se locaram em regiões precárias e mais afastadas dos bairros centrais.

A campanha abolicionista, em fins do século XIX, mobilizou vastos setores da sociedade brasileira. No entanto, passado o 13 de maio de 1888, os negros foram abandonados à própria sorte, sem a realização de reformas que os integrassem socialmente. Por trás disso, havia um projeto de modernização conservadora que não tocou no regime do latifúndio e exacerbou o racismo como forma de discriminação. (MARINGONI, 2011)

O senador e escritor Abdias do Nascimento, em 1998, subiu à tribuna do Senado<sup>15</sup> no dia em que a Lei Áurea (1888) completava 110 anos com o objetivo de tecer críticas ao discurso abolicionista promovido pela Lei, bem como (a falta de) as políticas públicas subsequentes e para trazer reflexões para as consequências das mesmas para a situação da população negra do país.

Durante muito tempo, a propaganda oficial fez desse evento histórico um dos seus maiores argumentos em defesa da suposta tolerância dos Portugueses e dos brasileiros brancos em relação aos negros, apresentando a abolição da escravatura como um fruto da bondade do humanitarismo de uma princesa. Na verdade, o processo que resultou na abolição da escravatura pouco tem a ver com razões humanitárias, embora estas, é claro, também se fizessem presentes. O que de fato empurrou a Coroa Imperial a libertar os escravos foram, em o primeiro lugar, as forças e que leva em casa subjacentes à Revolução Industrial, capitaneadas por uma Inglaterra ávida de mercados para os seus produtos manufaturados, outro fator fundamental foi o recrudescimento da resistência negra, traduzido no pipocar de revoltas sangrentas, como a queima de engenhos e a destruição de fazendas, que se multiplicaram nas últimas décadas do século XIX, aumentando o custo e impossibilitando a manutenção do sistema. Foi assim que chegamos ao 13 de Maio de 1888, onde negros de todo o país, pelo menos nas regiões atingidas pelo telégrafo, puderam comemorar com euforia a liberdade recém-adquirida, apenas para acordar no dia 14 com a enorme ressaca produzida por uma dúvida atroz: o que fazer com esse tipo de liberdade? Para muitos, a resposta seria permanecer nas mesmas fazendas, realizando o mesmo trabalho, mas sob piores condições. Não sendo mais um investimento, e sem qualquer proteção na esfera das leis, o negro

---

<sup>15</sup> Discurso disponível em: <https://youtu.be/pwmibmGStPE>

agora era livre para escolher a ponte sob a qual preferia morrer. (NASCIMENTO, 1988)

Segundo Nascimento (2002), “sob a lógica desse processo, os negros do Brasil só tem uma opção: desaparecer. Seja aniquilados pela força compulsória da miscigenação e da assimilação, ou através da ação direta da morte pura e simples” (NASCIMENTO, 2002, p. 36). Nessa perspectiva, muitos foram os mecanismos utilizados para combater esse inimigo que representa grande perigo para o projeto de modernização, dentre eles, expor os negros à morte pela miséria e pela violência a que eram sujeitos, sua extinção pelo embranquecimento a partir da miscigenação, o incentivo a imigração europeia, limitação de sua circulação por certos locais, além da difusão do mito da democracia racial, que por muito tempo impediu a implementação e o debate sobre políticas de ação afirmativa. Os libertos eram o empecilho que impedia que os objetivos do Estado fossem alcançados, — o de uma sociedade branca — pois branco quer dizer progresso e era isso que se idealizava, um país progressista. Portanto, para a salvação dessa nação idealizada, baseado nas ideias promovidas pelo racismo científico, o Brasil precisava estimular a vinda de imigrantes da Europa e embranquecer a sociedade.

Sem terras para cultivar e enfrentando no mercado de trabalho a competição dos imigrantes europeus, em geral, subsidiados por seus países de origem e incentivados pelo governo brasileiro, preocupado em branquear física e culturalmente a nossa população, os brasileiros descendentes de africanos entraram numa nova etapa de sua via-crúcis. De escravos, passaram a favelados, meninos de rua, vítimas preferenciais da violência policial, discriminados nas esferas da Justiça e do mercado de trabalho, invisibilizados nos meios de comunicação, negados nos seus valores, na sua religião e na sua cultura. Cidadãos de uma curiosa democracia racial em que ocupam predominantemente lugar de destaque em todas as estatísticas que mapeiam a miséria e a destituição. (NASCIMENTO, 1988)

Nascimento (2016), ao analisar as estatísticas demográficas raciais no Brasil fornecidas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 1872 a 1950, observa o declínio do número e da porcentagem da população negra<sup>16</sup>, paralelamente a uma crescente no número de autodeclarados brancos e pardos. Em 1872, os brancos eram 38,14% da população e, em 1950, chegaram a 61,66%, os negros (pretos) passaram de 19,68% para 10,96% entre 1872 a 1950, e, no mesmo período, os pardos foram de 42,18% a 26,54% (NASCIMENTO, 2016, p. 90). Ao mesmo tempo que alerta para a imprecisão de tais dados com relação à realidade demográfica do país, conclui que tal mudança se dá pelas pressões sociais impostas aos

---

<sup>16</sup> nesse período, para o censo, “negros” e “pardos” são categorias separadas. A categoria “negro” se refere ao que hoje denominamos “pretos”.

negros, consequências das políticas de branqueamento e miscigenação, fazendo com que mulatos (pardos) de pele clara se autodeclarassem brancos e os negros (pretos), como pardos, mestiços ou qualquer outro termo disponível que se alinhe à ideologia de branqueamento dominante. (NASCIMENTO, 2016).

Tendo apresentado tudo isso, percebemos como aponta Gomes (2005, p. 43), que “construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina aos negros, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo é um desafio enfrentado pelos negros e pelas negras brasileiros(as)”. Sendo assim, no próximo tópico, abordaremos mais especificamente as formas com que os negros foram construídos socialmente.

### 3.2 REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO NEGRO

Existe uma correlação entre estereótipos étnico-raciais e a condição de ser do negro no mundo, isso se deve ao fato de que as noções de raça “levadas” pelos europeus para suas colônias influenciaram o pensamento tanto do continente africano, quanto da diáspora africana. As condições históricas previamente apresentadas, comuns às colônias escravocratas, como o sequestro, a escravidão e as consequentes mazelas sociais a que foram submetidos após a conquista da liberdade podem explicar a discriminação e a permanência da maioria da população negra na situação de pobreza. “O sofrimento da criança, da mulher e do homem negros é um fenômeno internacional” (NASCIMENTO, 2002, p. 30). Nascimento (2002) cita a fala do presidente da Tanzânia, Julius Nyerere (1974), sobre o vínculo dos africanos e afro-descendentes, chamados pelo autor de “família africana”

... os homens e as mulheres da África, e de descendência africana, têm tido uma coisa incomum — uma experiência de discriminação e humilhação imposta sobre eles por causa de sua origem africana. Sua cor foi transformada tanto na marca como na causa de sua pobreza, sua humilhação e sua opressão (apud, NASCIMENTO, 2002, p. 30).

Em todo o mundo, somos atravessados por experiências e violências similares umas às outras, já que as condições que fundaram os países em que os negros habitam foram baseadas em crenças e estruturas bem parecidas. Portanto, para que as representações fossem padronizadas, uma série de mitos, baseados no racismo científico, acabaram sendo desenvolvidos ao longo da história visando manter os colonizados na condição de inferiores. Tudo sobre os colonizados precisava de uma explicação, justificando até mesmo

características consideradas positivas, assimilando-as à sua natureza e/ou dando a elas uma justificativa negativa (MEMMI, 1967). Por exemplo, o mito da força física “inerente” ao negro, que poderia ser uma característica de superioridade, já que o adjetivo *forte* é usado para representar positivamente as pessoas, no entanto, muitas vezes, o termo é usado para o bestializar e reduzir sua “força natural” ao pensamento de origem colonial, que justificaria sua propensão a trabalhos manuais ou ao seu ótimo desempenho em esportes, não ser devido a sua dedicação e disciplina, mas a essa característica “inata”. Diante disso, apresentaremos os mitos construídos acerca da subjetividade do sujeito negro.

### 3.2.1 Mitos Fundadores

Os mitos fundadores, transformados em estereótipos<sup>17</sup>, são discursos limitantes que reduzem grupos sociais a certos atributos e características. As justificativas para as injustiças sociais não tardam em se escorar na meritocracia e na “tendência criminal/preguiçosa”, em sua maioria preta e parda (negra), que não ascende socialmente por falta de capacidade/vontade.

Os conceitos de *Ideal do Ego* trazidos por Souza (1983) são usados para traduzir essa violência ideológica sobre os corpos negros. O branco, é visto como ideal de ser humano, “sujeito universal e essencial”, enquanto ao negro é imposto o inverso, que ela denomina por mito negro, que nada mais são do que falsas crenças inatistas, as quais são submetidos os negros, “o irracional, o feio, o ruim, o sujo, o sensitivo, o superpotente e o exótico são as principais figuras representativas do mito negro” (SOUZA, 1983, p. 27). Para a autora, o mito é um discurso sobre qualquer coisa, mas não é um discurso qualquer

É uma fala que objetiva escamotear o real, produzir o ilusório, negar a história, transformá-la em “natureza”. [...] Enquanto produto econômico-político-ideológico, o mito é um conjunto de representações que expressa e oculta uma ordem de produção de bens de dominação e doutrinação.

Cada uma dessas denominações carrega consigo uma mensagem com viés ideológico, buscando afirmar uma conexão com uma suposta “natureza negra”. Assim, ela tece uma conclusão das violências ideológicas causadas pelo branqueamento da população brasileira

---

<sup>17</sup> Segundo Charaudeau (2017, p. 572), estereótipos são termos que “possuem certo número de traços semânticos em comum, já que dizem respeito àquilo que é dito de maneira repetitiva e que, de tal forma, termina por se sedimentar (recorrência e imutabilidade), e descreve uma caracterização julgada simplificadora e generalizante (simplificação)”.

O racismo esconde seu verdadeiro rosto. Pela repressão ou persuasão, leva o sujeito negro a desejar, inventar ou projetar um futuro identificatório antagônico em relação à realidade de seu corpo e de sua história étnica e pessoal. Todo ideal identificatório do negro converte-se, desta maneira, num ideal de retorno ao passado, onde ele poderia ter sido branco, ou na projeção de um futuro, onde seu corpo e identidade negros deverão desaparecer. (SOUZA, 1983, p. 5)

Isso mostra como tal discurso se torna extremamente eficaz, por manter o lugar de privilégio da raça branca e, em relação à raça negra, por auxiliar no apagamento dos horrores históricos que se presentificam em espaços bem definidos de poder. Nesse sentido, Nascimento (2002) aborda a incongruência de se defender o mito da democracia racial, tão difundido no país sob a justificativa de que somos um país miscigenado onde todos são iguais, fazendo comparações constantes a situação dos EUA, reiterando que no Brasil não houve atrocidades como o *apartheid*<sup>18</sup> e movimentos segregacionistas como a KKK<sup>19</sup>.

A falsa imagem de uma escravidão humanizada, benemérita, com certa "liberdade", tem sido atribuída ao Brasil como também à região de modo geral. Isso ocorre sob a justificativa frequente da mistura de sangue, de raças, como se idêntica miscigenação não tivesse ocorrido na própria escravidão norte-americana (NASCIMENTO, 2002, p. 29)

Assim como pregaram diversos teóricos raciais brasileiros, inspirados pelo racismo científico europeu, como Oliveira Viana<sup>20</sup> (1883-1951), Gilberto Freyre (1933)<sup>21</sup>, que retrata as relações raciais no Brasil como algo pacífico e igualitário, defendendo a miscigenação como algo positivo e como justificativa para a tal “democracia racial”, também defendida por Nina Rodrigues<sup>22</sup> (1862-1906), dentre outros.

A mistura biológica e de culturas entre os povos provindos da África e da Europa aconteceu em todos os países do novo mundo onde houve escravidão. Assim, a tenaz persistência da cultura africana no Brasil e em outras partes da América do Sul não se pode razoavelmente ser atribuída a uma suposta benevolência dos euro-latinos, nem a seu caráter e cultura dos mesmos. Não foram menos racistas nem menos cruéis do que sua contrapartida anglo-saxônica. Da mesma forma que nos Estados Unidos, também na América Central ou do Sul, e no Brasil, não permitiam aos africanos a prática livre de seus costumes e tradições. (NASCIMENTO, 2002, p. 29)

---

<sup>18</sup> regime segregacionista com o objetivo de separar os negros dos brancos, estabelecendo direitos diferentes para cada grupo.

<sup>19</sup> sigla para Ku Klux Klan, organização terrorista e supremacista norte-americana com o objetivo de perseguir afro-americanos.

<sup>20</sup> defende a miscigenação e o branqueamento, a “evolução” pela mistura das raças

<sup>21</sup> Casa Grande e Senzala (1933)

<sup>22</sup> inspirado, principalmente pelo criminalista italiano Cesare Lombroso (1835, 1909), baseou seus trabalhos na inferioridade física e mental dos negros e mestiços

Assim, Nascimento traz reflexão sobre a resistência das culturas afro por todo o continente americano, e reiterando que isso foi fruto de muita luta, não da suposta boa vontade e apreciação dos europeus. Na próxima sub-seção, exibiremos esse contexto de forma mais específica no Brasil.

### 3.2.2 O que significa ser negro no Brasil?

A questão desse trabalho gira em torno dos seguintes questionamentos: O que é ser negro no país em que se nega a existência do racismo? Como esse negro é visto, como é representado com os diversos processos de apagamento e extinção de seus corpos? Como o processo colonial contribuiu para essa representação e como ele influencia as relações sociais nos dias de hoje?

o fato de que o trabalho do negro tenha sido, desde os inícios da história econômica, essencial à manutenção do bem-estar das classes dominantes deu-lhe um papel central na gestação e perpetuação de uma ética conservadora e desigualitária. Os interesses cristalizados produziram convicções escravocratas arraigadas e mantêm estereótipos que ultrapassam os limites do simbólico e têm incidência sobre os demais aspectos das relações sociais. (SANTOS, 2000, p. 1)

A história dos negros em toda a América foi iniciada com a desumanização e a expropriação.

Ser negro no Brasil é frequentemente ser objeto de um olhar vesgo e ambíguo. Essa ambiguidade marca a convivência cotidiana, influi sobre o debate acadêmico e o discurso individualmente repetido é, também, utilizado por governos, partidos e instituições. Tais refrões cansativos tornam-se irritantes, sobretudo para os que nele se encontram como parte ativa, não apenas como testemunha. (SANTOS, 2000, p. 2)

O negro como o outro, o inimigo a ser combatido, constante alvo da necropolítica conceituada por Mbembe (2018b, p. 19-20) “a percepção da existência do outro como um atentado contra minha vida, como uma ameaça mortal ou perigo absoluto, cuja eliminação biofísica reforçaria meu potencial de vida e segurança”, justificando a brutalidade policial, a constante vigília e, por fim, a decisão final de que a população negra não faz parte da porcentagem dos que usufruem plenamente do direito a vida, se o Estado decide quem vive e quem morre, aos negros é destinada à segunda opção. Tidos constantemente como suspeitos e abordagens infundadas, feitas para suscitar o medo de quem, supostamente, “não está no seu devido lugar”, não sendo assegurado o direito máximo da liberdade (de ir e vir), sofrendo todo tipo de violência simbólica e física.

Desde que o primeiro africano foi trazido ao Brasil, vivemos um processo de garantir nossa sobrevivência em um país que nos empurra sempre para morte. E a desumanização dos nossos corpos segue perpetuada nos livros didáticos, nas produções ficcionais, nas produções acadêmicas, nas notícias, nas estatísticas, etc. O eterno escravo, o criminoso, o fetiche, entre diversas outras representações recorrentes que nos encapsulam em um molde limitado de ser humano.

#### **4. ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO**

A nomeada Análise Crítica do Discurso (doravante ACD), desenvolvida, a partir dos anos 1990, por nomes como Norman Fairclough, Ruth Wodak, Teun Van Dijk, Gunther Kress, Theo Van Leeuwen, dentre outros linguistas, traz perspectivas de análise que vão além das análises formais dos processos de produção e recepção discursivos promovidos pela Análise do Discurso. Tais perspectivas são variadas, pois, como postula Van Dijk (2015), teórica e analiticamente, existem diversos tipos de ACD, logo, não há uma delimitação teórica única. A teoria possui bases na Linguística Crítica, de origens, sobretudo, britânicas e australianas da década de 1970 (VAN DIJK, 2015).

É um método de análise útil a linguistas preocupados em analisar e explicar fenômenos sociais, ou psicológicos, já que poucos, caso existam, são os fenômenos que não perpassam a linguagem. Os analistas críticos do discurso, portanto, buscam analisar criticamente problemáticas sociais embutidas no discurso, com isso, exploram as relações entre discurso e poder, focando em como são (re)produzidas, legitimadas, reforçadas ou refutadas no contexto social e político (VAN DIJK, 2015). Para analisar a produção de sentido trazida por tais estratégias, temos como principal conduta teórica a Análise Crítica do Discurso (ACD) de Teun A. Van Dijk, a partir da qual se concebe o discurso como uma prática social construtora de sentidos. Além disso, tem enfoque em como as estruturas discursivas se organizam para corroborar as dominações sociais que perpetuam representações mentais negativas, muitas vezes errôneas, e limitadas sobre as noções de “nós” e “eles”, do grupo dominante, “Nós”, sobre o grupo minoritário, “Eles/o Outro” (VAN DIJK, 2015). Segundo o teórico, tais representações não são naturais do ser humano, portanto não se desenvolvem de forma espontânea, mas são aprendidas e internalizadas através do discurso, a partir da interação entre os indivíduos e suas crenças. Citando os principais fundamentos sintetizados por Fairclough e Wodak (1997, p. 271-80), Van Dijk (2015) resume as bases teóricas da ACD:

- 1) A ACD aborda problemas sociais;
- 2) As relações de poder são discursivas;
- 3) O discurso constitui a sociedade e a cultura;
- 4) O discurso realiza um trabalho ideológico;
- 5) O discurso é histórico;
- 6) A relação entre texto e sociedade é mediada;
- 7) A análise do discurso é interpretativa e explanatória;
- 8) O discurso é uma forma de ação social. (VAN DIJK, 2015, p. 115)

A ACD se encarrega de dar subsídios para que sejam analisadas questões sociais, como as do presente trabalho, os modos como as estruturas específicas do discurso são organizadas para a (re)produção da dominação social e a construção dos atores sociais. Dessa forma, são analisadas, de maneira crítica, as relações discursivas, a cognição e a sociedade.

#### 4.1 MODELOS MENTAIS E A INTERFACE COGNITIVA

Conforme Van Dijk (2015, p. 138), interface cognitiva é o que possibilita “uma compreensão mais profunda do modo como os discursos expressam e manejam nossas mentes”, sendo capaz de explicar como as ideologias são expressas, difundidas e compartilhadas em sociedade. Tal interface é composta por modelos mentais, são as representações mentais de experiências pessoais com relação a ações ou acontecimentos que ocorrem em situações sociais específicas. Assim, incorporam a interpretação, mas também apresentam opiniões pessoais sobre tal evento, formando a base mental do discurso, e por serem “construções mentais subjectivas, os modelos explicam ainda o que pode estar na origem das representações tendenciosas, erradas, fictícias ou despropositadas, que as pessoas têm da realidade” (VAN DIJK, 1997, p. 117).

As pessoas estão continuamente construindo novos modelos (pessoais ou subjetivos) ou atualizando velhos modelos de acontecimentos que testemunham, participam, leem ou ouvem falar. Por exemplo, quando vemos o noticiário, construímos novos modelos sobre eventos completamente novos (como as notícias do dia) ou atualizamos modelos sobre episódios que já vimos antes (por exemplo, os casos de brutalidade policial). Tais modelos desempenham um papel importante tanto na produção quanto na compreensão do discurso (VAN DIJK, 1993). “Os discursos não são só formas de práticas interacionais ou sociais, mas também expressam e transmitem sentidos” (VAN DIJK, 2015, p. 138), podendo, por sua vez, influenciar nossas crenças e representações mentais acerca dos grupos sociais.

## 4.2 SEMÂNTICA DISCURSIVA

Van Dijk (1997) apresenta os conceitos das representações relacionados ao significado, segundo ele, as “representações cognitivas de atitudes e modelos podem aplicar-se directamente a representações semânticas” (VAN DIJK, 1997, p. 122), sendo através do significado que níveis do discurso, como a sintaxe ou as estruturas gráficas, são afetados pelo conceito de ideologia<sup>23</sup> e, segundo Van Dijk (2015, p. 47),

o termo refere-se à "consciência" de um grupo ou classe, explicitamente elaborada ou não em um sistema ideológico, que subjaz às práticas socioeconômicas, políticas e culturais dos membros do grupo, de forma tal que seus interesses (do grupo ou da classe) materializam-se (em princípio da melhor maneira possível)

Além disso, apresenta as principais dimensões da Semântica do Discurso<sup>24</sup> para explicar como a ideologia pode estar imbricada nas estruturas linguísticas, são elas: as noções semânticas de *verdade e falsidade*, as quais foram bastante associadas a falsas crenças utilizadas por grupos dominantes para legitimar sua dominação. Se configuram como visões do mundo que se baseiam nos saberes que constituem a interface cognitiva. Portanto, as ideologias determinam “a forma como os grupos e os seus membros entendem, interpretam ou constroem a realidade social” (p. 124), tais construções, quando destinadas a servir os interesses do próprio grupo, podem incorporar falsas crenças.

As formas de utilizar a linguagem, através das *proposições*<sup>25</sup>, cujas estruturas são controladas por ideologias através das *modalidades* de necessidade e probabilidade podendo depender da forma como determinado grupo define a situação; dos *predicados* usados para descrever grupos externos, os “Outros”; dos *argumentos preposicionais*, que podem depender dos papéis atribuídos a diferentes grupos por motivos ideológicos, os quais terão mais ou menos participação em ações positivas ou negativas, e os grupos internos seriam Agentes responsáveis por atos positivos e Pacientes não-responsáveis pelos atos negativos desses Outros. Todas essas estruturas podem ser resumidas pelas noções de perspectiva ou ponto de vista, já que partem dos modelos mentais do falante/escritor.

---

<sup>23</sup> Para Van Dijk (2015), “o termo refere-se à "consciência" de um grupo ou classe, explicitamente elaborada ou não em um sistema ideológico, que subjaz às práticas socioeconômicas, políticas e culturais dos membros do grupo, de forma tal que seus interesses (do grupo ou da classe) materializam-se (em princípio da melhor maneira possível)” (p. 47).

<sup>24</sup> Ver mais em: VAN DIJK, 1997, p. 121-124

<sup>25</sup> enunciados verbais passíveis de serem declarados verdadeiros ou não

A *lexicalização*, através da qual é feita a seleção dos significados das palavras, demonstra que a utilização de certos termos pode se configurar como uma escolha ideológica. Quando esses termos demonstram os modelos inseridos na cognição social, ou seja, quando a opinião do falante sobre certos grupos é externalizada através desses termos (por exemplo, chamar um jovem negro de “traficante” ou “suspeito de tráfico”, ao invés dos termos “jovem negro”, em manchetes de notícias), então a escolha lexical é ideológica.

Os papéis atribuídos nas *estruturas proposicionais*, a constante associação de determinado grupo social a ações negativas, considerando-o Agente responsável ou acusando-o de participação nessas ações (negros e criminalidade), contribui para a imagem negativa desse grupo, ou o constante apagamento de sua participação em ações positivas, sendo atribuído a ele um papel de não-agente, tais associações têm, portanto, uma base ideológica. Em contrapartida, ao “Nós”, quando responsáveis por ações positivas, é atribuído um papel de Agente, e quando se busca desviar atenção de *Nossas* ações negativas, é atribuindo um papel mais passivo, como se se tratasse de algo que acontece *conosco* ou que *nos* obrigam a fazer, podendo ser estruturado por meio do uso de eufemismos. O grupo constantemente representado como responsável por ações negativas continuará a ser representado dessa forma nos modelos e nas estruturas criadas a partir deles.

Apresentando as noções de *tópico*, *comentário*, *foco*, *fundamento*, *importância*, *relevância*, *etc.*; Van Dijk (1997) define *tópico* e *comentário* segundo o conceito cognitivo-semântico, isto é, as informações que recebem *foco* na estrutura proposicional, e as que podem encontrar-se secundarizadas, respectivamente. Essa escolha, do que será focalizado e do que será secundarizado, dependerá do que é importante ou relevante em função da ideologia de quem escreve/fala. Ainda, um determinado texto, pode se exprimir com maior ou menor *proeminência* uma informação para marcar a importância ou a relevância de uma informação, por exemplo, títulos de jornal têm fontes maiores para maior destaque, termos em itálico ou em negrito, etc. A *relevância* pode ser definida em termos da utilidade da informação para grupos específicos em suas implicações sociais, a utilidade dessas informações para os grupos. Já a *Importância* das informações define as implicações cognitivas (ideologias) de um grupo, bem como suas finalidades, normas e interesses, aquilo que é importante para um grupo social, pode não ser para outro. Modelos situacionais controlados por ideologias podem atribuir, a membros de diferentes grupos, diferentes estatutos de atuação, importância e iniciativa. Como por exemplo, a produção de artigos e notícias relacionando pessoas negras à

criminalidade ou à pobreza, realçando a importância dessas informações através da proeminência, que é um conjunto de dispositivos textuais como colocar a notícia centralizada na primeira página, o tamanho do título, sublinhar informações ou colocá-las em itálico ou negrito, etc.

A *implicação*, os significados nem sempre estão explícitos, as inferências, as quais exigem uma base cognitiva, serão deduzidas com base no conhecimento cultural e socialmente compartilhado, nos significados linguísticos, no conhecimento de mundo, e em conhecimentos específicos acerca dos conhecimentos do enunciador (o qual se posiciona a partir de uma base histórica e social situada em uma cultura). O exemplo dado pelo autor apresenta essa lógica, se digo que alguém é solteiro, logo tenho que esta pessoa não é casada. A partir disso, é possível perceber que “de cada proposição expressa no discurso, derivem séries de implicações” (p. 140), o nosso conhecimento nos permite fazer tais inferências. “As implicações podem desempenhar importantes funções ideológicas, a partir do momento em que os significados implícitos, com maior ou menor ênfase, em proposições assertivas, são interpretados com base em atitudes e ideologias” (p. 140). Quando a influencer Luisa Nunes, sobre os protestos online contra a violência policial após o assassinato de George Floyd, o “#blackouttuesday”, diz<sup>26</sup> que: “O racismo existe e vai existir enquanto a maior quantidade de crimes for causada pela população negra [...] isso é uma coisa natural, é um instinto de defesa da gente [...] Dá uma olhada nas pessoas que são inteligentes [...] vai no perfil delas, vê se elas estão nessa palhaçada desse blackouttuesday”, está implicado que a influencer é contra os protestos, que tem atitudes racistas e que tem uma posição mais conservadora e menos crítica em relação às abordagens policiais.

A *pressuposição*, que seria “qualquer proposição cuja veracidade seja aceite pelo enunciador de forma a permitir-lhe produzir um enunciado, mas que não se encontre declarada nesse enunciado, é uma pressuposição do enunciado” (p. 145 e 146), portanto, se trata de afirmações baseadas nas crenças, valores, interesses e conhecimentos do enunciador. Exprime-se um ponto de vista que pode ser contradito; essas proposições são baseadas em posições tomadas à luz do que cada um acredita ser verdade partindo de seu ponto de vista.

As preposições podem desempenhar funções ideológicas de grande relevo, tal como no caso das implicações, permitem àquele que fala ou escreve não só fazer

---

<sup>26</sup> Disponível em: <https://youtu.be/bKyU4YT3ZHK>

afirmações sem que, na realidade, estas se encontrem expressas, mas também tomar por certas determinadas crenças que podem não sê-lo. (p. 146)

Usando o exemplo do tópico anterior, a influencer pressupõe que a maioria dos crimes é cometido pela população negra e que as outras pessoas se protegem dos criminosos — negros — tendo um racismo natural.

O *nível de descrição e grau de especificidade/pormenorização*, dependendo da importância dada às pessoas, aos locais e aos acontecimentos, a descrição deles passa a ser mais pormenorizada, já que uma informação é menos relevante e receberá menos foco caso não seja tão necessária para a interpretação ou compreensão do restante do texto. Essas descrições e especificações podem ter fundamentos ideológicos quando os pormenores irrelevantes de uma narrativa são pormenorizados, a fim de tornar relevantes características estereotipadas de certos grupos. Como nos exemplos dados no texto, um relato midiático de um crime pode pormenorizar a aparência dos criminosos, estabelecendo uma relação entre a pertença a um grupo étnico e o crime cometido, da mesma forma, a tendência de se dar ênfase à aparência de mulheres em notícias, algo não tão explícito e recorrente com homens, de modo a ridicularizá-las/sexualizá-las.

A *coerência local*, para haver coerência, as proposições dentro do discurso devem se relacionar os termos *intensionais* e *extensionais*. “A *coerência extensional* ou referencial baseia-se em relações condicionais, causais, espaciais ou temporais entre factos de um mundo possível” (p. 153), em um âmbito mais cognitivo, seriam as representações desses fatos, baseada em modelos mentais. Já a *intencional*, são as “relações funcionais de significado”, isto é, através de elementos coesivos (para apresentar contraste de ideias, relações de causa e consequência, referenciar, etc), “a coerência pressupõe um conhecimento do mundo, em geral, e um conhecimento específico de situações, acontecimentos e indivíduos concretos, em particular” (p. 153).

Se [...] as autoridades patronais consideram que o elevado índice de desemprego, que atinge as minorias étnicas, é causado pela ausência de escolaridade, motivação suficiente, ou deficiente competência linguística, dessas mesmas minorias, em vez de ser provocado pela discriminação, este ponto de vista manifestar-se-á também nas relações de coerência estabelecidas entre as proposições que constituem os seus discursos orais ou escritos, por exemplo naquelas que são expressas através de conectores causais (porque, por conseguinte, etc.), ou da relação funcional de uma explicação. (p. 153 e 154)

Portanto, a versão dos membros de um grupo referente às relações entre os fatos torna seu discurso coerente para *Eles*, mas possivelmente não para *Outros*. Novamente, no exemplo de Luisa Nunes, ela diz “[...] estatisticamente falando, crimes são mais cometidos pela população negra, *então* vai ser sempre natural, normal e instintivo do ser humano ter um pouco do que a gente chama de racismo”, portanto ela utiliza o marcador coesivo para justificar atitudes racistas sobre (o que para ela seria) um “fato”, além de que, pelo conhecimento de mundo acerca da assimilação de negros e criminalidade, para muitos, essa afirmação é coerente e verdadeira, fazendo com que seja justificada a brutalidade ou questionado, na situação em específico (a morte de George Floyd), que crime(s) ele haveria cometido.

Os *movimentos semânticos locais*, podem ser movimentos funcionais para “apresentar-se a outrem em termos positivos, salvaguardar as aparências, persuadir alguém, ou defender-se” (p. 155). O exemplo dado, recorrente em discursos racistas, que seria a negação do racismo para defender-se e amenizar o que será falado após a adversativa, em frases como: "Não tenho nada contra negros, mas...". Após esse *mas*, a negação será contradita. Esses enunciados de teor racista revestem-se de uma importante dimensão ideológica, o enunciador pretende, através da construção de uma autoimagem positiva, apresentar-se, ou os membros de seu grupo (nós), como um cidadão de bem, benevolente e com valores (autoapresentação positiva), portanto tenta esconder o caráter racista de seu discurso, ao mesmo tempo que, ainda sim, tece generalizações negativas sobre o Outro (outro-apresentação negativa) ou comparações entre nós e eles. Exemplos típicos de tais ressalvas são

- *Negação Aparente*: Não temos nada contra negros, mas...)
- *Concessão Aparente*: Alguns deles são inteligentes, mas em geral...
- *Empatia Aparente*: É claro que os refugiados tiveram problemas, mas...
- *Ignorância aparente*: Eu não sei, mas...
- *Desculpa aparente*: Desculpe-me, mas...
- *Inversão (culpar a vítima)*: Não eles, mas nós é que somos as reais vítimas...
- *Transferência*: Eu não me importo, mas meus clientes... (VAN DIJK, 2015, p.142, grifos do autor).

Tais ressalvas são chamadas pelo autor de aparentes não porque estão mentindo, mas porque a estrutura do discurso tenta retirar a parte negativa da frase enunciada. A parte positiva, por outro lado, tem a função, principalmente, de evitar uma má impressão para seus destinatários (VAN DIJK, 2000).

Por fim, os *Tópicos*, são constituintes da coerência global, que se explica através de macroestruturas semânticas. “Os tópicos exprimem aquela que é considerada a informação mais importante de um discurso” (p. 158). A atribuição de tópicos pelos destinatários pode sofrer um controle ideológico, por exemplo, notícias relacionadas a atuação violenta e enviesada de policiais pode ser definida por grupos humanitários, anti-racistas e moradores de áreas mais desfavorecidas como abuso de poder, crime e/ou recorrentes e impunes atitudes antidemocráticas e autoritárias. Por outro lado, para grupos mais conservadores, seriam ações necessárias para garantir a repressão dos crescentes níveis de criminalidade e violência urbana. O controle ideológico expresso nas macroproposições<sup>27</sup> se encontram em títulos tendenciosos, o que pode orientar a interpretação, também nos significados locais de frases. Se a nível global, usando o exemplo anterior, são definidas que tais atitudes são necessárias para conter a criminalidade, a nível local, os significados irão corroborar com essa ideia (VAN DIJK, 1997). A seguir, conheceremos o discurso midiático, para então analisá-lo segundo as teorias e noções apresentadas aqui.

## 5. DISCURSO MIDIÁTICO

Eugênio Bucci (2019) traz diversas perspectivas interessantes para compor a nossa teorização acerca do discurso midiático, já que ele se enfoca no conceito de verdade factual, sua necessidade social, bem como sua importância filosófica. Isso se mostra essencial, pois como veremos ao longo deste capítulo, a relação entre os discursos midiáticos e a verdade no decorrer da história foi se dissipando e ganhando novas formas e estruturas. Como contextualiza em seu livro, as grandes revoluções liberais<sup>28</sup> do século XVIII e a Primeira Guerra não trouxeram o resultado esperado pelos idealistas iluministas, os quais acreditavam que a verdade era uma grande potência emancipatória, tais conflitos trouxeram a barbárie e um grande desprestígio para a noção de verdade<sup>29</sup>. Com isso, a “palavra da vez” se tornou *informação*<sup>30</sup>, a qual adquiriu um sentido parecido com o da *verdade factual*, que é, segundo ele, o relato confiável e verificável dos fatos. O vocábulo foi cunhado pelo jornalismo com o advento da Revolução Industrial no fim do século XIX, a qual ampliou a velocidade e a

---

<sup>27</sup> A macroproposição é composta por um conjunto de proposições que possuem uma unidade semântica entre si.

<sup>28</sup> Ver mais em BUCCI, 2019, p. 30.

<sup>29</sup> A noção de verdade aqui se configura como a “verdade factual” (verdade dos fatos), defendida pelo autor ao longo de seu livro, “aquela que poderia ser objetivamente descrita conforme se apresenta no plano material daquilo a que chamamos de fatos” (BUCCI, 2019, p. 15).

<sup>30</sup> Recorrendo aos pesquisadores Rafael Capurro e Birger Hjørland (2007), Bucci explica as diversas origens etimológicas da palavra “informação”. Ver mais em BUCCI, 2019, p. 31-32.

distância de distribuição dos exemplares. Dessa forma, os editores perceberam o valor comercial da informação, já que os leitores poderiam comprar as informações que para eles fosse útil (BUCCI, 2019).

Nesse sentido, Patrick Charaudeau (2013) problematiza a relação entre a sociedade e as mídias, e revela que o mundo midiático se encontra preso a um jogo de espelhos, visto que esse mundo reflete o espaço social e o espaço social é refletido por ele. Além disso, Charaudeau (2013, p. 15) apresenta as três lógicas da mídia, a “econômica (fazer viver uma empresa), tecnológica (estender a qualidade e a quantidade de sua difusão) e simbólica (servir à democracia cidadã)”.

Bucci (2019) problematiza tais lógicas. Para ele, quando a *lógica simbólica* da mídia se inclina para um viés mais tendencioso, mentiroso e manipulador em benefício de uma perspectiva particular, a democracia é ameaçada, já que a verdade é vista como um exercício de liberdade. A verdade, para ele, se situa além do registro dos fatos, da sinalização de eventos, do relato e comentário dos acontecimentos, que é função da imprensa. Trazendo a teoria de Lippmann, que separa os conceitos de verdade e o papel da imprensa, o autor empreende que a função da verdade é “trazer luz para fatos ocultos, relacioná-los a outros, e traçar um relato da realidade a partir do qual os homens podem atuar” (*apud*, BUCCI, 2019, p. 19). Essa separação é necessária para que se perceba que o relato de eventos é subjetivo, o qual parte do ponto de vista do jornalista, este que, diferente do que acredita, não “zela pela verdade”.

O valor de mercado, que configura a *lógica econômica*, trouxe consequências para o conteúdo do discurso midiático, para Bucci (2019) a imprensa, se tornando uma grande e poderosa indústria, fez da informação sua mercadoria. Neste seguimento, a informação adquire um valor de troca, que se pauta na imprevisibilidade e improbabilidade do acontecimento, isto é, quanto mais chocante e improvável é um acontecimento, maior seu valor de troca (BUCCI, 2019). Nesse mesmo diapasão, Márcio Cano (2012) defende que, com o barateamento dos meios de produção e distribuição, o apelo ao público passou a ter enfoque em despertar emoções e em engajar o leitor, com isso, criou-se a tendência de se noticiar com uma dose de entretenimento. A informação “crua” não estimula as vendas, um elemento ficcional é necessário para um maior engajamento.

Nesse sentido, o jornal não pode apenas oferecer informação, mas notícia que também divirta ou faça os leitores se sentirem viajando também num mundo de ficção. Por isso, percebemos cada vez mais uma aproximação da escrita jornalística com a escrita literária, do apelo à violência e ao sexo como entretenimento, das construções cômicas de fotojornalismo etc. (CANO, 2012, p. 24)

Finalmente, a *lógica tecnológica* é, segundo Bucci (2019), problemática, pois, com o advento das inovações tecnológicas, a lógica de mercado se desenvolveu, além disso, a maior velocidade na distribuição encurtou o tempo entre o acontecimento e a notícia, tudo deve virar notícia e rápido, o que diminui as chances de os fatos serem devidamente checados e revisados. O autor atribui à essa lógica, ainda, os fenômenos que interditam os fatos e a criticidade, nomeados por ele os *apagões do real*, que se configuram como a confiança cega em informações devido à inacessibilidade aos fatos, em consequência da opacidade trazida pelo automatismo e pela inteligência artificial, pois as métricas tecnológicas, quando encaradas como a expressão dos fatos, incumbe-se um aspecto de fala dogmática (BUCCI, 2019); e o *suicídio da consciência*, que seria a “adoração às máquinas”, assim, abdicando de se conhecer a realidade por si mesmo e se deixar ser moldado pelas idolatrias. Esses fatores favorecem o denominado “pensamento único”<sup>31</sup>, que seria essa fala dogmática em que não se pensa, não se reflete, seus próprios fundamentos não são criticados. Nesse sentido, as *bolhas sociais* também são um problema que mantém grupos de pessoas presas a um só tipo de pensamento, D'Ancona (2018, p. 53), trazendo o conceito de "filtros bolha", diz que:

A mídia social e os mecanismos de busca, com seus algoritmos e *hashtags*, tendem nos dirigir para o conteúdo de que vamos gostar e para as pessoas que concordam conosco. Muitas vezes, rejeitamos como "trolls" aqueles que se atrevem a discordar. A consequência é que as opiniões tendem a ser reforçadas, e as mentiras, incontestadas.

Apresentado isso, Charaudeau (2013, p. 16) expressa que, para sua teoria, o mais importante seria a *lógica simbólica*, pois esta expressa "a maneira pela qual os indivíduos regulam as trocas sociais, constroem as representações dos valores que subjazem a suas práticas, criando e manipulando signos e, por conseguinte, produzindo sentido". Com isso, o autor admoesta que

é próprio de uma comunidade social produzir discursos para justificar seus atos, mas não está dito que tais discursos revelam o verdadeiro teor simbólico desses atos: muitas vezes o mascaram (de maneira inconsciente, até mesmo de boa-fé), por vezes o pervertem, ou mesmo o revelam em parte. (CHARAUDEAU, 2013, p. 17-18)

---

<sup>31</sup> Ver mais em BUCCI, 2019, p. 98.

Dessa forma, é possível perceber que o que se encontra visível na superfície do discurso nem sempre é o que está, de fato, sendo comunicado. Entrementes, dois tipos de discurso sobre a mídia são bastante comuns, o de pessoas que dizem que a mídia é manipuladora, no entanto não deixam de consumir e atribuir credibilidade ao conteúdo midiático, e o dos jornalistas que veementemente afirmam sua honestidade e dizem zelar pela verdade, mesmo sabendo do caráter subjetivo de se noticiar um acontecimento (CHARAUDEAU, 2013). Ou seja, as pessoas se sentem manipuladas, mesmo que continuem a consumir e os jornalistas negam tal manipulação, mesmo sabendo que o processo de construção da notícia não é imparcial e neutro. Nesse ínterim, o autor apresenta algumas considerações sobre o discurso das mídias que precisam ser esclarecidas:

*As mídias não são uma instância de poder:* para se configurar como uma instância de poder, é preciso ter a vontade de guiar e influenciar os comportamentos dos indivíduos, atendo-se às limitações expressas pelas “regras de comportamento, normas, sanções”, e as mídias não promulgam nada disso, “as mídias e a figura do jornalista não têm nenhuma intenção de orientação nem de imposição, declarando-se, ao contrário, instância de denúncia do poder” (CHARAUDEAU, 2013, p. 18).

*As mídias manipulam tanto quanto manipulam a si mesmas:* para se decodificar a manipulação, é preciso voltar-se para quem está sendo a vítima da manipulação (alvo da informação), já que, o manipulador não tem sua intenção declarada. Portanto, no ato de informar seu público alvo, a instância midiática, opta-se por se dirigir a um público constituído pelo maior número de receptores possível, o que caracteriza um conjunto de pessoas diversamente esclarecidas (alguns mais, outros, menos), não partindo nem da “hipótese fraca”<sup>32</sup>, nem da “hipótese forte”<sup>33</sup> sobre o grau de conhecimento do receptor, consegue se manter pela lógica econômica. Dessa maneira, o discurso midiático cai em um paradoxo:

---

<sup>32</sup> se caracteriza pela pressuposição de que seu público alvo é pouco esclarecido. A informação, portanto, seria “forte” para a maioria. No entanto, não seria um público tão grande quanto um mais diversificado (CHARAUDEAU, 2013, p. 19).

<sup>33</sup> se tem que seu público alvo é bastante esclarecido, portanto a informação deve ter um alto grau de saber para ser considerada “forte”, com isso, a quantidade de receptores seria quantitativamente reduzida (CHARAUDEAU, 2013, p. 19).

por um lado, pretende transmitir informação da maneira mais objetiva possível, e isso, em nome de valores cidadãos, por outro, só pode atingir a massa se dramatizar a cena da vida política e social. Essa contradição não tem remédio: apresentar a informação de maneira mínima e neutra cortaria a instância midiática do grande público; apresentar a informação exageradamente dramatizada a faria cair em descrédito. (CHARAUDEAU, 2013, p. 243)

Como consequência, as “mídias estariam se violentando e, sem se darem conta disso, tornando-se manipuladoras. Daí que, num efeito de retorno, tornam-se automanipuladas” (CHARAUDEAU, 2013, p. 19). No entanto, uma ressalva é necessária, nem sempre há, pelos meios de comunicação midiáticos, um propósito de manipulação, assim como os receptores não recebem e aceitam as informações de forma totalmente acrítica, “as massas” se constituem enquanto um grupo com uma pluralidade de opiniões, posições sociais, graus de esclarecimentos, etc.; é um fenômeno bem mais sutil do que se imagina (CHARAUDEAU, 2013).

*As mídias não transmitem o que ocorre na realidade social:* se transmite a realidade que é, por elas, construída linguisticamente. A linguagem é opaca, pois é construída a partir da visão de mundo de seu enunciador, da seleção de acontecimentos, de como será ou não apresentado/roteirizado. Nesse caso, o tal espelho da mídia oferece uma visão deformada do espaço social, apresentando, por sua vez, “um fragmento amplificado, simplificado, estereotipado do mundo” (CHARAUDEAU, 2013, p. 19). Assim sendo, as informações podem ser manipuladas através da forma com que o espaço social é construído, em uma espécie de roteirização visual entre ficção e realidade<sup>34</sup>.

De forma similar às considerações mencionadas anteriormente, Van Dijk (2015) postula que muito dos argumentos, crenças e opiniões expressos na fala cotidiana são inspirados pelo discurso midiático, já que

as declarações negativas sobre os outros serão tipicamente fundamentadas pelo movimento da autoridade, o qual argumenta que as pessoas “viram isso na TV”. Do mesmo modo que os preconceitos são representações sociais negativas estereotipadas, os argumentos em si podem ser estereotipados e convencionais. (VAN DIJK, 2015, p. 143)

Em vista disso, os grupos têm, como fonte de conhecimento sobre os (outros) grupos minoritários, os programas televisivos e as notícias jornalísticas, principalmente quando, em

---

<sup>34</sup> Ver mais em CHARAUDEAU, 2013, p. 244-46

seu cotidiano, eles não têm muito contato com os mesmos. Tais representações sociais negativas são, conforme Cano (2012), configuradas como *discurso da violência*<sup>35</sup>, ou seja, formas pejorativas de se referir a uma minoria, diminuir alguém, etc. Essa violência se constrói discursivamente e se torna cada vez mais sutil e, muitas vezes, normalizada, passando despercebido por muita gente, dado que exploram estereótipos, tradições, costumes, interesses, coisas que acabam por mascarar o caráter violento do discurso.

E quando exposto na mídia, com todo seu poder de influência, o *discurso da violência* é amplificado, normatizado, tomado como verdade para muitos, principalmente pelo fato de certas representações serem narradas da mesma maneira com muita frequência e em diversos formatos. As formas de se descrever as cenas violentas também têm um impacto muito grande no discurso (CANO, 2012). Nesse sentido, um dos gêneros da mídia que mais serve de base e fonte para tais argumentos, opiniões e crenças é o gênero notícia, presente no discurso jornalístico.

### 5.1 DISCURSO JORNALÍSTICO

Márcio Cano (2012), ecoando os pensamentos dos autores supracitados, enuncia que o discurso jornalístico constrói a informação de forma que ela seja vendida como um produto. Tal valor é determinado pela satisfação humana de constantemente consumir informação e estar sempre atualizado sobre os acontecimentos sociais, para que, dessa forma, as pessoas possam agir e opinar ativamente na sociedade. O autor admoesta, ainda, que um acontecimento só pode ser contado por meio de modos de dizer, e, com o suporte de um determinado gênero, o acontecimento receberá seu enquadramento, o que lhe fornecerá os sentidos de acordo com o tipo de discurso em que é propagado, sendo com esse enquadramento que os interlocutores irão interagir, nunca com o acontecimento em si. “No caso da notícia, o acontecimento será revelado por meio de um fato construído com traços de informação, de imparcialidade e atualidade” (CANO, 2012, p. 89), dos traços adicionais característicos do jornalista e do veículo de publicação, bem como da forma com que os leitores consumidores irão interpretar as informações.

Nesse sentido, o jornalista é aquele que, hipoteticamente, tem contato com o acontecimento e, ao dizê-lo, deve transformá-lo em notícia com esse caráter de atualidade, imparcialidade e

---

<sup>35</sup> Ver mais em CANO, 2012, p. 25-34

informatividade. E, como já expressei, as pessoas demandam, constantemente, serem atualizadas, desse modo, encontram no discurso jornalístico uma fonte, supostamente, imparcial para se obter essa constante atualização. "O que determina esses traços da notícia não é somente o texto escrito enquanto documento, mas os papéis que os leitores assumem nessa cena genérica" (CANO, 2012, p. 90).

O jornal possui uma relação de *interdiscurso* complexa, pois, além de servir de portador para os fatos noticiosos dos mais variados discursos, como o policial, o econômico, esportivo, artístico, etc, ele tem, na sua base, o discurso publicitário e o discurso político. (CANO, 2012, p. 22, *grifo do autor*)

Cano (2012) articula, similarmente, que as notícias estampadas nos jornais têm objetivos que vão além de carregar a informação, uma vez que os jornais são voltados para consumo e precisam vender ideias, não só para as pessoas, mas também para seus anunciantes. Além disso, todo jornal possui um posicionamento, por mais sutil que possa parecer, com isso, as ideologias são inseridas no texto por meio de várias estratégias discursivas. Por esse motivo,

Por um lado, o discurso publicitário determina em grande parte o que vai e o que não vai para o jornal ou de que forma se enquadram os acontecimentos para que eles se harmonizem com os espaços publicitários. [...] Por outro lado, temos o discurso político também na base da constituição interdiscursiva do jornal. Como grupo econômico e como empresa, o jornal se coaduna com um grupo político com o qual se harmoniza. (CANO, 2012, p. 22-3)

Com o avanço das tecnologias, a velocidade da informação se tornou muito maior, bem como a demanda por essa constante atualização. Além do mais, é diagramada e dividida em temas que atraem muita atenção, principalmente pela forma que as notícias são construídas, como dito anteriormente, com um caráter ficcional. Dessa forma, "percebemos cada vez mais uma aproximação da escrita jornalística com a escrita literária, do apelo à violência e ao sexo como entretenimento, das construções cômicas de *fotojornalismo* etc." (CANO, 2012, p. 24).

Trazendo a perspectiva de Alsina (2009, p. 111) ao falar da construção da notícia, Santos e Rodrigues (2017, p. 526) sintetizam que:

1. Os acontecimentos são gerados através de fenômenos que são externos para o sujeito.
2. Mas os acontecimentos não fazem sentido longe dos sujeitos, pois são eles os que lhes conferem sentido.
3. Os fenômenos externos que o sujeito percebe tornam-se acontecimento por causa da ação deste sobre aqueles. Os acontecimentos se compõem das características dos elementos externos nos quais o sujeito aplica seu conhecimento.

A partir disso, compreende-se que os acontecimentos são construídos a partir das percepções e interpretações dos sujeitos que os expressam, e através de sua visão e seu conhecimento de mundo, o sujeito os transcreverão a outros sujeitos. A matéria jornalística — em que se busca constantemente a imparcialidade — cada escolha, desde o tema até a forma com que vai ser redigida, deve ser analisada e compreendida como o ponto de vista de alguém, uma escolha ideológica, e não simplesmente uma decisão estética. Quem assina a autoria assume uma perspectiva, um ponto de vista, o qual é imprimido em suas publicações. Os autores (2017, p. 531) sintetizam, ainda, as perspectivas da teoria do jornalismo, cunhadas por SOUSA (2002, p. 4-6), que apresenta as diversas perspectivas da teoria do jornalismo:

**Teorias do espelho** – nesta teoria, as notícias são vistas como espelho da realidade.

**Teoria da ação pessoal** – Nesta *démarche*, as notícias são vistas como resultado da seleção dos acontecimentos pautadas nas opções particulares do jornalista.

**Teoria organizacional** – Nesta perspectiva, as “[...] notícias são o resultado das condicionantes organizacionais em que são fabricadas, como as hierarquias, as formas de socialização e aculturação dos jornalistas etc.” (SOUSA, 2002, p. 04).

**Teoria da ação política** – Esta teoria prega que as notícias são fruto da distorção da realidade, devido à sujeição do jornalista a determinados controles ideológicos.

**Teoria estruturalista** – As notícias são vistas como “[...] um produto socialmente construído, que reproduz a ideologia dominante e legitima o *status quo* [...]” (SOUSA, 2002, p. 05).

**Teoria construcionista** – Entende que as notícias são vistas como artefatos que resultam de um processo de construção linguístico, organizacional, cultural e social, que fazem parte da realidade que ajudam a construir e a reconstruir.

**Teoria interaccionista** – Nessa perspectiva, a notícia resulta de um processo de percepção, seleção e transformação de acontecimentos em notícias, por um corpo de profissionais que compartilham uma mesma cultura, sob a pressão do tempo. (*apud*, SOUSA e RODRIGUES, 2017, p. 531, *grifos dos autores*)

Tendo em mente que o discurso jornalístico é composto por uma série de notícias, Van Dijk (2015, p. 145), ao falar de sua estrutura, expressa que, “as notícias na imprensa, por exemplo, têm uma estrutura esquemática convencional, consistindo de categorias como sumário (título + *lead*), eventos principais, *background* (eventos prévios, contexto, história), comentários e avaliação”. Assim, cada notícia tem um tópico principal, normalmente já revelado através do título, que são, para o autor, “sumários típicos das notícias”, pois sumarizam as informações contidas nas notícias, revelando, portanto, o tópico principal.

O objetivo do título é chamar a atenção para o conteúdo da notícia, mas quando a notícia trata de questões étnicas, pode se tornar tendencioso e enfatizar determinadas características dos grupos minoritários, raramente os enfatizando enquanto agentes semânticos ativos e responsáveis por ações positivas, mas acontece com bastante frequência quando o grupo

dominante se encontra na mesma posição. Por meio dos tópicos, ao se tratar das mesmas questões, podem ser expressadas a diferença, a ameaça, os pontos de divergência, o exotismo e, como apresentado por Van Dijk (2015), tais tópicos podem ser a discriminação, os crimes, a violência, as drogas, os desvios de comportamento, as relações étnicas, etc. Mas esse racismo imbuído no discurso dificilmente será direto, e terá, muitas vezes, outras justificativas e agentes. Nesse sentido, Van Dijk (2015, p. 146) nos alerta, com relação aos tópicos, que “eles nos dizem, apenas, *o que* a mídia relata sobre as questões étnicas, mas não dizem *como* ela o faz”. E esse é o objetivo do presente trabalho, apresentar, através das estratégias semânticas que controlam as estruturas locais das proposições, como a mídia constrói tais relatos.

#### 4.1.1 Racismo no Discurso Jornalístico

Van Dijk (2015) traz as perspectivas do racismo em diversos tipos de discurso, no entanto, o jornalístico, o qual molda e reflete os acontecimentos sociais, nos parece mais relevante, já que é o foco de nossa análise. O racismo se expressa de diversas formas no discurso, sendo elas relacionadas às noções da Semântica Discursiva anteriormente apresentadas. Podendo ser através de sua negação, da seleção e proeminência de tópicos, ou seja, a atribuição repetitiva dos mesmos papéis aos negros (criminosos, esportistas, coadjuvantes na maioria das assuntos, etc.), do estilo lexical, isto é, os termos utilizados para caracterizar os grupos e/ou suas ações (uso do termo traficante ao invés de jovem/homem/rapaz/nome), dentre outros movimentos semânticos estratégicos. Essas expressões podem se manifestar de maneiras bastante sutis e indiretas, um ataque racista direto e evidente é raro (VAN DIJK, 2015).

Quanto à negação do racismo, o autor apresenta estratégias cognitivas e sociais relacionadas à ela. A primeira é a *justificativa*, Van Dijk (2015, p. 161), citando um dos modos mais clássicos de racismo na mídia, exemplifica que “um jornal pode publicar, repetidamente e com grande destaque, matérias sobre crimes cometidos por minorias, mas ao mesmo tempo defender essa prática através da alegação de que está publicando “a verdade”. Assim, o jornalista tira de si a responsabilidade e o preconceito por sua escolha de manter os negros nesses mesmos papéis, já que, afirmando sua neutralidade ao pensar estar apenas refletindo o que acontece na sociedade, não deixa evidente o fato de que isso se trata, na verdade, de uma escolha. Dessa forma, Van Dijk (2015, p. 99) explicita que “a seleção e a proeminência de tópicos jornalísticos é função direta dos diferenciais de acesso, interesses e perspectivas dos

atores — de maiorias e de minorias — das notícias”. A segunda, é a *escusa*, em que parte da culpa é posta em outros ou em circunstâncias especiais, alegar *provocação* e *culpa da vítima* são estratégias de escusa e consistem em atribuir os problemas relacionados à desigualdade social ou a medidas de violência a características negativas das próprias vítimas, a título de exemplificação, podemos elencar a banalização da extrema violência e dos assassinatos de corpos negros e periféricos, sob a escusa estatal que legitima a necessidade de se coibir os “delinquentes/marginais”, atribuir a pobreza à falta de esforço, etc. Por último, a *reversão*, que caracteriza o ataque à vítima e a isenção de qualquer culpa ou responsabilidade de si, utilizando proposições como: “não *somos* racistas, *eles* é que são os verdadeiros racistas”.

É possível observar esses fenômenos através de argumentos que trazem as questões da desracialização<sup>36</sup> da desigualdade (comumente atribuído às questões de classe, meritocracia ou “falta de vontade/esforço”), da neutralidade discursiva, do uso de aspas, marcadores de dúvida ou de distância quando o racismo se encontra em tom acusatório (uso de “suposto”, sinalizando uma acusação sem garantias), do uso de eufemismos para suavizar o preconceito, da autorrepresentação positiva para manter as aparências, para a defesa de acusações e/ou para fazer ressalvas (nós/nosso grupo não é racista), entre outros argumentos que incitam essa negação. E, dessa maneira, cria-se todo um cenário propício para se naturalizar essa violência na representação da população negra, em que se violenta, mas ao mesmo tempo se utiliza de estratégias para negar esse ato ou minimizá-lo de alguma forma.

Assim, pretendemos unir as noções de discursos racializados com a prática da ACD, já que, de acordo com Modesto (p. 9),

os discursos racializados apontam para o processo de racialização das condições de produção, formulação e circulação dos discursos e não para a especificidade de um tema (como raça ou racismo). Não se trata de “falar sobre” raça, mas de ter os processos de racialização atravessando discursividades, ainda que por efeitos do silenciamento, da contradição, da metáfora, da paráfrase, da paródia etc.

Portanto, entende-se discurso racializado não só os discursos sobre raça, mas os discursos produzidos a partir do contexto histórico-social e das noções acerca de raça e identidades raciais. A ACD fornecendo subsídios para a se analisar discursos racializados, potencializa o

---

<sup>36</sup> Termo em inglês: “*de-racialising*”

objetivo de mobilização e criticidade social acerca dos sujeitos racializados, por exemplo, pensando no branco ou no negro que produz o discurso, como ele produz o discurso? Como ele se insere no discurso (como o nós é construído)? De quem ele fala? Como ele insere o outro em seu discurso? Qual contexto(s) ou noção(ões) histórico-racial(is) atravessa(m) tal discurso? etc.

## 6. METODOLOGIA E ANÁLISE DO CORPUS

Com este trabalho, pretendemos lançar luz sobre o racismo implícito no discurso jornalístico, através do exame das estratégias produzidas nas notícias e reportagens, bem como as relações com seu contexto social de produção. Para a seleção desse tipo de discurso midiático em específico foi levada em consideração sua grande relevância e, como dito anteriormente, grande poder de influência no que se refere à constituição da base cognitiva dos indivíduos.

### 6.1. METODOLOGIA

A metodologia se pautou na análise quantitativa e qualitativa de cinco jornais circulados em cada uma das cinco regiões do Brasil, bem como as notícias que retratam o povo negro da semana de 13 a 17 de dezembro de 2021. A pesquisa qualitativa tem como principais características, a interpretatividade e a subjetividade do objeto de estudo, visando analisar, segundo as teorias de Van Dijk (1993, 1997, 2015), as formas e as motivações com que os discursos são construídos. Por outro lado, “os resultados qualitativos podem facilitar a interpretação das relações entre variáveis em conjuntos de dados quantitativos” (FLICK, 2009, p. 24). Para tal, tivemos como primeira etapa da pesquisa o levantamento e identificação dos jornais com maior circulação em cada região baseado no Mídia Dados Brasil 2021<sup>37</sup>, o qual leva em consideração jornais vinculados ao IVC (Instituto Verificador de Comunicação). Esse levantamento foi necessário para que fosse possível analisar os jornais considerados mais relevantes — em questão de popularidade — de cada região, possibilitando, assim, ter como componente do corpus, jornais de ampla circulação, os quais são a fonte de notícias de um grande número de pessoas.

Após a consulta da fonte supracitada e a consequente identificação dos principais jornais de cada região, analisaremos as notícias disponíveis em seus sites, para tal, partimos para a

---

<sup>37</sup> Compilação das pesquisas e levantamentos mais atuais sobre a mídia brasileira, baseada nos estudos de empresas renomadas como Kantar Ibope, ComScore, Nielsen, Jovodata, IPC Marketing, IVC e YOUPIX. Disponível em: <https://midiadadosgmsp.com.br/2021/>. p. 215

análise global — a estrutura do site, quais tópicos e assuntos se mostram mais recorrentes (em destaque) — de cada um. Em seguida, passamos para uma análise mais específica, ligada ao objetivo deste trabalho, que seriam as notícias que retratam a população negra — com que frequência, em que papéis, qual o destaque dado a cada tópico em que aparecem, etc. Por último, partimos para a análise de como a população negra é retratada pelas notícias jornalísticas, isto é, escolheremos uma notícia de cada jornal (e quatro títulos do jornal Zero Hora), cujo assunto rodeie em torno do sujeito negro, e as analisaremos.

Portanto, de acordo com o levantamento, foram selecionados os seguintes jornais: da região Norte, o Diário do Pará (Pará); do Nordeste, o Jornal Correio (Bahia); do Centro-Oeste, o Daqui (Goiás), no entanto, este foi substituído pelo segundo colocado da região, o Jornal Correio Braziliense (Distrito Federal), devido à escassez de conteúdo online; do Sudeste, a Folha de S. Paulo (São Paulo); e finalmente, do Sul, o Zero Hora (Rio Grande do Sul). A justificativa para tais escolhas reside na necessidade de serem descentralizadas da região sudeste as pesquisas, as quais têm como corpus, prioritariamente, notícias circuladas nos principais jornais dos estados São Paulo e Rio de Janeiro, sendo, por sua vez, possível ter uma perspectiva bem mais ampla do conteúdo dos discursos jornalísticos produzidos no país. Para a seleção do corpus, escolhemos, aleatoriamente, uma semana para o acompanhamento das notícias publicadas. A escolha da análise de todos os jornais em um mesmo período é amparada pela importância de não se produzir uma pesquisa pautada em períodos e contextos diferentes, para que não seja enviesada ou confusa.

Fizemos, também, uma apuração quantitativa dos jornais. Tal apuração foi feita com base na contagem do número de todas as notícias postadas em cada um dos dias nas colunas dos jornais analisados e também foram apresentadas as tabelas com os percentuais individuais de cada jornal. E, dentre elas, ver quantas vezes o negro aparece, a partir disso, foram calculadas as porcentagens. Foi levado em consideração diversos tipos de representações, seja como tópico (personagem foco da narrativa), como personagem secundário ou mesmo quando aparece apenas na “capa” das matérias jornalísticas, mas desses, apenas aqueles em que havia algum sentido acerca da representação da população negra com a matéria.

## 6.2. ANÁLISE DO CORPUS

Todo esse conjunto analítico, ou seja, os cinco jornais, será sustentado através da metodologia de análise proposta por Van Dijk (1997), a partir de algumas das noções da Semântica Discursiva (predicados, argumentos preposicionais, lexicalização, tópico, comentário, foco, importância, etc., implicação, pressuposição, nível de descrição e grau de especificidade/pormenorização e a coerência local), e nos conceitos da Análise Crítica do Discurso (VAN DIJK, 1993; 1997; 2015) apresentados anteriormente. Esperamos, com isso, ser capazes de explicar o porquê de os discursos se estruturarem de determinada maneira, em que medida são preconceituosos, e como tais estruturas podem afetar as mentes de seus receptores, para assim termos uma melhor clareza sobre o papel fundamental da mídia na reprodução do racismo.

Com isso, observamos, não surpreendentemente, durante o período de análises, uma grande sub-representação da população negra na maioria dos segmentos noticiários, ainda que, em 2019, 56,2% da população se declare negra (parda e preta)<sup>38</sup> no Brasil segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)<sup>39</sup>. Dividindo essa porcentagem pelas regiões, temos as seguintes porcentagens: a Região Norte (79,5%), a Nordeste (74,4%), a Centro-Oeste (62,6%), a Sudeste (48,9%) e a Sul (25,6%), concernente à representação dessa parcela da população no discurso jornalístico, como pode ser observado na tabela a seguir, tais números não são alcançados.

**Tabela 1** - Percentual de participação da população negra (em que aparece como foco ou secundarizado) nas notícias dos jornais analisados

Jornal	13-dez.	14-dez.	15-dez.	16-dez.	17-dez.	Total
<b>Diário do Pará</b>	17,7%	9,19%	14,28%	15%	23,86%	<b>15,98%</b>
<b>Folha de São Paulo</b>	16,1%	8%	8,47%	6%	7,89%	<b>8,96%</b>
<b>Correio Braziliense</b>	8,4%	6,5%	6,9%	5,26%	5,2%	<b>6,38%</b>
<b>Jornal Correio</b>	22,85%	13,54%	14,77%	8,3%	20,7%	<b>15,9%</b>
<b>Zero Hora</b>	15%	15,57%	10,67%	17,3%	12%	<b>14,18%</b>

Fonte: autoria própria

<sup>38</sup> Para o IBGE, negro está relacionado à questão racial, enquanto pretos e pardos tem sua relação exclusivamente na cor da pele, pardos são pessoas com uma mistura de cores de pele, mestiça. E pretos, normalmente pessoas de tez mais escura e/ou descendentes de pessoas pretas. Mas tudo isso é subjetivo, devido à pesquisa a partir da autodeclaração.

<sup>39</sup> Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101707\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101707_informativo.pdf). pgs. 1 e 8.

Esse levantamento quantitativo foi feito de modo a responder à pergunta “*Com que frequência o negro aparece no discurso jornalístico?*”, para se ter uma noção mais exata de com que frequência o negro é representado, confirmando assim, a hipótese de sua sub-representação. Nesse sentido, como é possível observar, em nenhum dos jornais tivemos um percentual perto de uma representação igualitária, isto é, 50%, os que tiveram uma maior porcentagem nem chegaram a 16%. Por conseguinte, visamos responder às seguintes perguntas qualitativas: “*De todas as notícias em que negro aparece, quais são as colunas e os tópicos mais recorrentes? E as menos recorrentes?*”, para sabermos que lugares e papéis o negro ocupa e não no discurso, criando uma delimitação entre ‘lugar de negro’ e negro ‘fora do lugar’. A partir disso, concluímos que o negro recebe papéis mais significativos em colunas relacionadas a esportes e entretenimento, ficando de fora ou recebendo menos foco naquelas relacionadas à política e à economia. Ainda segundo o IBGE

Em 2018, apenas 24,4% dos deputados federais eleitos se declararam pertencendo a essa parcela populacional [...], apenas 28,9% entre os vitoriosos no pleito para as Assembleias Legislativas, no mesmo ano [...]. A eleição de 2016 registrou 42,1% de pretos ou pardos entre os eleitos para as respectivas câmaras municipais. Ainda assim, o número mostra uma sub-representação, considerando a população nacional.<sup>40</sup>

Por essa razão, foram escassas, durante o período de análise, notícias das colunas de política e economia com pessoas negras, *topicalizadas* (foco da narrativa) ou *secundarizadas* (colocados como coadjuvantes ou plano de fundo). Mesmo que somente estampando a imagem “capa” da notícia, na maioria das vezes, as notícias foram sobre pessoas brancas, ou contendo imagens delas e outros tipos de imagens em tópicos “neutros”, ou seja, notícias cujos temas não envolvem pessoas ou grupos em específico (tópicos como crescimento da inflação, alta/queda de ações da bolsa, dicas de investimento, etc.). Quando o negro apareceu, a maioria foi relacionada à vulnerabilidade socioeconômica (notícias sobre seguro-desemprego, imagens recebendo doações, imagens em situação de pobreza, viciados na crackolândia, funcionários exercendo trabalhos de baixa renda, etc.) ou composta por imagens de operários realizando serviços braçais. Como exibido nos exemplos a seguir:

## RECORTE 1

<sup>40</sup> Dados apresentados pelo estudo *Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil* do IBGE. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/25998-menos-de-um-quarto-dos-deputados-federais-eleitos-sao-pretos-ou-pardos>

bahia

minha bahia

bolsa presença

benefício

estudantes

rede estadual

bahia

Da Redação  
redacao@correio24horas.com.br

17.12.2021, 11:41:00



Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/bolsa-presenca-passa-a-ser-permanente-e-valor-do-repasse-as-familias-sera-maior/>

## RECORTE 2

### Projeto garante boa alimentação a famílias de baixa renda

O projeto da Prefeitura de Belém atende 70 famílias carentes

sexta-feira, 17/12/2021, 16:40 - Atualizado em 17/12/2021, 16:40 - Autor: Agência Belém



As famílias atendidas pelo programa receberam a cesta contendo hortaliças e frutas | Mácio Ferreira/Agência Belém

#### MAIS ACESSADAS

- 01 **PODE ISSO?**  
Vídeo: "Teu c#", diz pasto culto em igreja no Pará
- 02 **VEJA O VIDEO!**  
Simony revela detalhes de cantor com Carla Perez
- 03 **DESESPERO**  
Candidata se joga de préd prova da OAB

Disponível em: <https://dol.com.br/noticias/para/688188/projeto-garante-boa-alimentacao-a-familias-de-baixa-renda?d=1>

## RECORTE 3

CORALINO · 12/12/2021

## Fundação oferece bolsas para projetos jornalísticos sobre efeitos das drogas na sociedade

Ganhadores terão mentoria de três meses e poderão receber até R\$ 33,7 mil para a produção dos materiais



Novo em folha

Quero saber mais

**QUERO SABER MAIS:** A Fundação Gabo e a Open Society Foundations (OSF) estão oferecendo 18 bolsas para jornalistas de sete países, incluindo o Brasil. O valor do benefício pode chegar a R\$ 33,7 mil, dependendo da proposta e do argumento apresentado.

Os ganhadores da bolsa deverão produzir algum conteúdo sobre os efeitos das drogas na sociedade, podendo explorar áreas como direitos humanos, meio ambiente, saúde pública, violência, juventude e gênero e políticas públicas. As propostas que incluam o impacto da Covid-19 têm prioridade.

### colunas e blogs

Selecione no menu lateral a categoria de colunas e blogs da Folha. Você pode pesquisar por:

Podem se candidatar jornalistas ou freelancers que trabalhem em qualquer organização de mídia, incluindo veículos comunitários e regionais.

1/2 Termino aumento no salário



Documento de saúde de droga na Colômbia, no centro de São Paulo. Realizamos mais pesquisas a partir de evidências sobre a segurança pública e a Transição Democrática. #falhas

Novo em folha



### mais lidas em blogs

- FREDERICO MAGALHÃES**  
Político quer impedir a saída de Jair Bolsonaro do Brasil
- OPONENDO**  
Cristiano debate Bolsonaro de 23 com: Carlos Toral
- BOM PRO LANCER**  
Tribunal proibe criação de duas novas de São Paulo e Brasília
- CLÁUDIO NEZIO**  
Quem é melhor: Bolsonaro ou Aécio?
- OSWALDO GILVA**  
Suicídio de criança de McDonald's: 'você não sabe'

Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/blogs/novo-em-folha/2021/12/fundacao-oferece-bolsas-para-projetos-jornalisticos-sobre-efeitos-das-drogas-na-sociedade.shtml>

## RECORTE 4

# Inflação pode interferir na ceia de Natal do brasileiro este ano

Pesquisa do Núcleo de Inteligência e Pesquisas da Escola de Proteção de Defesa do Consumidor do Procon-SP mostra aumento de 17,11% no preço médio de itens da ceia de Natal em relação ao ano passado



Gabriela Chabalgoity\*



Gabriela Bernardes\*

Postado em 13/12/2021 18:43 / atualizado em 13/12/2021 18:45



(crédito: Ed. Alves/CB/D.A Press)

### Assine a nossa newsletter

Digite seu endereço de e-mail para acompanhar as notícias diárias do Correio Braziliense.

Digite seu email...

INSCREVA-SE

### MAIS LIDAS

- Governo pretende liberar saque do FCTS para pagamento de dívidas**

08:00 - 23/02/2022 - Compartilhe:

- Aumento no custo das produções**

Disponível em: <https://www.correio braziliense.com.br/economia/2021/12/4970492-inflacao-pode-interferir-na-ceia-de-natal-do-brasileiro-este-ano.html>

Através desses exemplos, podemos perceber que segundo as representações imagéticas, a maioria das pessoas de baixa renda que receberão os auxílios, as doações do projeto e funcionários são negras e, como observado no recorte 2, os políticos, funcionários e/ou voluntários por trás do projeto são brancos, e, no recorte 4, os clientes, são brancos enquanto a maioria das caixas são negras. Além disso, no recorte 3, ‘Fundação oferece bolsas para projetos jornalísticos sobre efeitos das drogas na sociedade’, tais bolsas destinarão até R\$ 33,7 mil para que produzam algum conteúdo sobre os efeitos das drogas na sociedade. Desse modo, como não há um direcionamento ou nivelamento a jornalistas negros, ou parte dele, é possível deduzir que os contemplados serão majoritariamente brancos.

Isso pode ser deduzido considerando que, pela estrutura social que conhecemos, além de todo o contexto sócio-histórico, as pessoas que ocupam os espaços de poder são majoritariamente branca. Portanto, a coordenação encarregada de selecionar os trabalhos provavelmente é composta predominantemente, também, por brancos. Podemos deduzir, da mesma forma, através dos processos de exclusão social e estrutural e como é observado em diversas matérias e reportagens que retratam o combate às drogas, que o objeto de estudo será preponderantemente composto por pessoas negras.

Ademais, observamos também uma exígua participação da população negra nas colunas de notícias/cotidiano, pelo menos não diretamente (através de imagens e descrições sobre sua aparência/local de origem), um dos motivos para tal pode ser devido a uma mudança de postura dos jornais, não exibindo fotos de pessoas em casos “menores” e de pouca repercussão, além de não descreverem ou pormenorizarem as suas características físicas nesses casos. Outra observação, foi nas notícias sobre casos de racismo de forma geral, ou seja, fenômenos e consequências do racismo de forma mais ampla e de impacto social, em que não fica evidente quem se beneficia com esse sistema, como exemplificado no título da notícia presente no exemplo A. Quando depararmos-nos com notícias referentes a racismo, preconceito e discriminação de modo geral, nem sempre fica explícito que determinado grupo se beneficia socialmente com isso, muitas vezes são apresentados como casos isolados, algo que simplesmente acontece, como se “fossem fenômenos da natureza em vez de práticas dos membros do grupo dominante” (VAN DIJK, 2015, p. 147).

*A: 1% dos homens brancos ricos recebem mais que todas mulheres negras do Brasil*<sup>41</sup>

Esse título traz a ideia de que a concentração de renda nos bolsos dos homens brancos é algo que simplesmente acontece, um simples fato, não endereçando toda a estrutura por trás disso. E, ao ler a notícia exibida no Anexo 1, não vemos um posicionamento tão diferente, apesar de ser observada uma profundidade um pouco maior no assunto, o conteúdo ainda se mantém em um nível superficial. A jornalista Aline Brito, branca, traz dados estatísticos, menciona o privilégio branco e traz um excerto do estudo que baseou os dados, o qual expõe que a pobreza tem viés racial, já que a população negra compõe a maior parte da população de baixa renda no Brasil e menciona rapidamente sobre particularidade das mulheres negras, por serem o outro do outro, representam a parcela menos privilegiada. Mas, como dito anteriormente, tudo isso é apresentado sem entrar nos pormenores que realmente trariam um adendo crítico e levaria os leitores a pensar nas injustiças sócio-históricas que mantêm essa pirâmide de pé e não mais uma matéria expondo as injustiças que o público provavelmente já conhece (com exceção da precisão dos dados).

Quanto à coluna em que o negro mais apareceu em todos os jornais observados, a de esportes (em que são noticiados acontecimentos, majoritariamente, do mundo do futebol), seu papel foi mais recorrente nas posições de ‘mercadoria’ (compra e venda de atletas) e em matérias de análise de seu desempenho em campo/quadra. Nesse sentido, é evidente que a parcela insuficiente de pessoas negras como dirigentes e técnicos de clubes, bem como de comentaristas e analistas, mesmo dos principais e mais populares esportes do país (futebol, vôlei, basquete, etc.), resulta no confinamento do negro em papéis — restritos ao esforço físico e à emoção — estereotipados provenientes do pensamento colonial. É evidente que aqueles que tomam e explicam decisões, avaliam, analisam lances e campeonatos, investem e compram clubes são majoritariamente brancos, por outro lado, aqueles sendo negociados jogam (com velocidade, garra, talento, ‘ousadia e alegria’) e produzem entretenimento, também fora dos campos, são majoritariamente negros. Concernente a esse tópico, Abrahão e Soares (2009) versam sobre a construção "positiva" do negro em áreas como o futebol e a arte, bem como o preconceito racial imbricado nela, dado que se constitui através de adjetivos que revelam uma representação que se contrapõe à racionalidade branca.

---

<sup>41</sup> Disponível em:

<https://www.correiobraziliense.com.br/economia/2021/12/4970921-1-dos-homens-brancos-ricos-recebem-mais-que-todas-mulheres-negras-do-brasil.html>

Nesse sentido, a imagem idealizada do jogador negro – como membro de um grupo étnico especialmente dotado para atividades que dependem principalmente da emotividade e/ou das habilidades artísticas e corporais – acabou por reiterar uma visão otimista da mestiçagem, metonimizada pelo sucesso do futebol “mestiço” (SOARES, 1998). Tal imagem está presente naquilo que se identifica como estilo de jogo, o estilo visto, ainda em nossos dias, como legado da cultura africana na constituição étnica do Brasil e de seu futebol. (ABRAHÃO e SOARES, 2009, p. 14)

De modo geral, as pessoas negras compuseram, predominantemente, tópicos relacionados a *esportes, cultura (arte e entretenimento), vulnerabilidade socioeconômica, violência e racismo*. Com o intuito de analisar tais informações e responder à pergunta de forma mais específica, apresentamos, a seguir, as tabelas com os dados quantitativos apurados de cada jornal e discutiremos os casos específicos de cada um.

**Tabela 2** – Percentual de participação da população negra nas notícias do jornal Diário do Pará

<b>Diário do Pará</b>	<b>13-dez.</b>	<b>14-dez.</b>	<b>15-dez.</b>	<b>16-dez.</b>	<b>17-dez.</b>	<b>Total</b>
Coluna de Notícias	10,3%	0%	2,2%	2,27%	5%	<b>3,39%</b>
Coluna de Esporte	38,46%	16,1%	34,48%	43,47%	62,96%	<b>38,2%</b>
Coluna de Entretenimento	7,1%	16,66%	11,76%	11,50%	9,50%	<b>11,45%</b>

Fonte: autoria própria

O jornal o Diário do Pará é composto por três colunas principais, a Coluna de Notícias, a qual traz notícias no geral (casos e crimes do cotidiano, tragédias, levantamentos, iniciativas sociais, etc.), a de Esporte e a de Entretenimento. Como pode ser observado, o padrão se confirma aqui também e o jornal reserva um espaço maior ao negro nas duas últimas. Destas, selecionamos a seguinte notícia<sup>42</sup> da coluna de Entretenimento, que trata do caso do rapper Djonga, o qual agrediu um segurança após ter sofrido racismo no Mineirão.

**Djonga diz que socou segurança após sofrer racismo. Veja!**  
 Rapper atleticano foi detido no Gigante da Pampulha por soco em segurança; em rede social, artista garantiu ter sido alvo de racismo  
 terça-feira, 14/12/2021, 20:19 - Atualizado em 14/12/2021, 20:30 - Autor: **Com informações do Correio Braziliense**

<sup>42</sup> Disponível em:

<https://dol.com.br/entretenimento/fama/687707/djonga-diz-que-socou-seguranca-apos-sofrer-racismo-veja?d=1>



O rapper atleticano Djonga foi um dos convidados pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) para assistir à final da Copa do Brasil no domingo (12), entre Atlético e Athletico-PR no Mineirão, em Belo Horizonte. O que era para ser um dia de festa para o músico, acabou em delegacia.

Djonga foi conduzido à delegacia no Gigante da Pampulha após dar um soco em um segurança do estádio. Por meio de uma rede social, o cantor deu a versão dele sobre o acontecimento: 'Sobre racismo, discriminação'.

Djonga é um dos grandes nomes da música brasileira na atualidade. Em um dos camarotes do Mineirão, o cantor foi gravado enquanto agredia um funcionário e, posteriormente, sendo conduzido por policiais militares à delegacia.

Em um 'story' no Instagram, o rapper explicou que a situação é recorrente no Gigante da Pampulha. "Podia ficar horas aqui contando para vocês o que aconteceu ontem, 'tá ligado'? Porque ainda ia dar um debate gigante. O que aconteceu ontem no Mineirão, quando eu dei um soco na cara do segurança. O vídeo que está rolando aí é um trecho, um pedaço de uma situação que vem se arrastando desde lá de dentro, desde semana passada que rolou comigo. Estava lá como convidado da CBF, enfim", afirmou.

Em seguida, Djonga disse ter agredido o segurança por ter sido alvo de racismo. 'Uns vão falar que é vitimismo', frisou o artista.

"Sobre racismo, discriminação, essas paradas. Não dá para explicar. Uns vão acreditar, outros não vão acreditar. Uns vão falar que é vitimismo. Enfim, é isso. Agora, eu reagi, 'tá ligado'? Na maioria das vezes, eu não reajo. Se eu reagisse todas as vezes que alguém me trata com discriminação, nossa. Todo dia vazava vídeo meu. Dessa vez eu reagi e está feito. O que aconteceu eu nunca vou conseguir provar, mas é isso", completou.

Djonga foi conduzido pela PM por lesão corporal na briga com seguranças no Mineirão.

No entanto, a ocorrência foi encerrada na DP de eventos.

[tweet com o vídeo](#)

A notícia é encerrada com o tweet compartilhado (disponível no link) pelo perfil Ritmo de Torcida (@ritmodetorcida) dando sua opinião sobre o ocorrido e com o vídeo da agressão do rapper. Aqui, o negro é o *Agente responsável* pela agressão física em questão e o *Paciente* de tal agressão seria o segurança. Por outro lado, por falta de provas ou por não ter havido nenhuma denúncia [‘o que aconteceu eu nunca vou conseguir provar’] e por nenhuma possível outra testemunha ter sido ouvida para atestar o ato de racismo do segurança, tal atitude foi posta em dúvida ao longo do texto [‘disse ter agredido o segurança por ter sido alvo de racismo’], mesmo que no título ela tenha sido colocada como fato.

A atitude racista seria, então, o *comentário* para “justificar”, explicar ou mostrar uma relação de causa e consequência com relação ao *tópico* (do que se é falado) — a agressão. Djonga foi o único a expor o fato e por ser uma figura pública polêmica e por pensar não conseguir provar o crime acabou ficando na defensiva e não denunciou o caso. Muito provavelmente por já ter ocorrido muitas outras vezes [‘Se eu reagisse todas as vezes que alguém me trata com discriminação, nossa. Todo dia vazava vídeo meu.’] e nunca ter se sentido amparado pela lei ou por saber como o racismo é tratado no Brasil [‘Uns vão acreditar, outros não vão acreditar. Uns vão falar que é vitimismo’].

**Tabela 3** – Percentual de participação da população negra nas notícias do jornal Folha de São Paulo

<b>Folha de São Paulo</b>	<b>13-dez.</b>	<b>14-dez.</b>	<b>15-dez.</b>	<b>16-dez.</b>	<b>17-dez.</b>	<b>Total</b>
Coluna de Opinião	20%	11,11%	8,69%	5%	5%	<b>9,9%</b>
Coluna “Poder”	0%	3,2%	0%	0%	0%	<b>2,8%</b>
Coluna de Economia	0%	2%	0%	0%	2,27%	<b>1%</b>
Coluna de Cotidiano	30%	3%	0%	4,30%	8,57%	<b>7,58%</b>
Coluna de Esporte	50%	28,57%	40%	55,55%	50%	<b>52,5%</b>
Coluna de Cultura	20,68%	24%	25,70%	12,50%	15,15%	<b>42,85%</b>

Fonte: autoria própria

O mesmo fenômeno pode ser observado no jornal Folha de São Paulo, a Coluna de Esporte e a de Cultura (equivalente à de Entretenimento dos outros jornais) apresentam os maiores

percentuais de participação. Em compensação, as Colunas Poder (Política) e Economia são as que possuem menor representação, esta não correspondente aos percentuais de candidatos eleitos, mostrando que, apesar de a população negra estar visivelmente menos inserida nos espaços de tomada de decisão, ou seja, ser eleita em menor número, ainda há a problemática da invisibilização/sub-representação destes.

Para a insuficiente participação na Coluna de Opinião, pressupõe-se que a falta de diversidade dos colunistas, blogueiros e redatores por trás das notícias, composto majoritariamente por homens brancos, contribui para o apagamento e limitação de discussões, narrativas e problemáticas acerca da realidade negra em publicações da Folha. Apesar de, no dia 19 de dezembro, o jornal ter publicado, para seu especial de 100 anos, a notícia que relata a triplicação do número de colunistas e blogueiros negros em sua equipe em comparação a 2018, que correspondia a 4,6%. “Neste dezembro de 2021, a Folha publica textos de 24 colunistas e blogueiros negros de um total de 197, ou seja, 12,2%”<sup>43</sup>, sob a justificativa de quererem aumentar a presença de grupos historicamente sub representados também em suas páginas de opinião, ressaltando ser uma iniciativa anterior aos protestos de "clamores pós George Floyd". No entanto, durante o período de análise, de 101 colunas e blogs, apenas 11 foram escritas por autores negros ou assinaturas conjuntas<sup>44</sup>, um total de 10,89%.

Justamente por termos levantado a problemática da Coluna de Opinião, selecionamos a seguinte notícia dessa mesma coluna, intitulada: “Três meninos do Brasil”<sup>45</sup>, publicada em 13 de dezembro de 2021 e escrita pela jornalista Cristina Serra, a qual trata do caso dos meninos do Belford Roxo, capturados e torturados por traficantes por um suposto roubo de passarinhos.

### **Três meninos do Brasil**

Um país que não protege suas crianças, como as de Belford Roxo, morre com elas

13.dez.2021 às 17h00

Eles se chamavam Lucas, Alexandre e Fernando Henrique, tinham entre 8 e 11 anos de idade,

<sup>43</sup> Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/folha-100-anos/2021/12/folha-triplica-numero-de-colunistas-e-blogueiros-negros.shtml>

<sup>44</sup> Algumas publicações são assinadas por nomes em conjunto ou que caracterizam os tipos de publicação postadas por eles. Por exemplo, o *Vidas Negras Importam* produzido pelo jornalista Matheus Moreira ou o *PerifaConnection*, que é produzido por 5 autores negros e trazem narrativas das periferias.

<sup>45</sup> Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/cristina-serra/2021/12/tres-meninos-do-brasil.shtml>

moravam em Belford Roxo, Baixada Fluminense. No fim de 2020, saíram de casa para jogar bola. Nunca mais voltaram. Quase um ano depois, a polícia informa que eles foram torturados e assassinados por terem furtado dois passarinhos do tio de um traficante.



Lucas, Alexandre e Fernando, que desapareceram em Belford Roxo (RJ) no final de dezembro de 2020

A história dos três meninos é de um grau tão desmedido de barbárie que é até difícil pensar e escrever sobre ela. Porque dói pensar sobre o Brasil em que Lucas, Alexandre e Fernando Henrique viviam. A brutalidade interrompeu a vida deles num cruzamento entre miséria, desigualdade, violência, crime, abandono, indiferença e tudo o mais que compõe o cenário onde parte da sociedade brasileira, majoritariamente pobre e negra, é largada aos deus-dará. "E se Deus não dá?", pergunta a canção de Chico Buarque.

Fica tudo como está, aliás, piora muito. Lá pelos idos dos anos 1970, ainda distrito de Nova Iguaçu, Belford Roxo era tido como o lugar mais violento do mundo. Em 1990, foi emancipado e uma campanha tentou associar o lugar ao epíteto impossível de "cidade do amor". Como sabemos, o marketing não muda a realidade. Entrou governo, saiu governo (municipal, estadual e federal), Belford Roxo continuou sendo um inferno para viver e criar filhos.

Segundo dados da plataforma Fogo Cruzado (julho/2021), Belford Roxo é o município da Baixada com o maior número de tiroteios e por motivos variados: operações policiais, homicídios, roubos e disputa por controle de territórios entre traficantes e milicianos. Não bastasse a ausência do Estado, as balas perdidas, as chacinas sem culpados identificados, agora temos o tribunal do tráfico que condena crianças à morte, supostamente, por causa de dois passarinhos.

Importante assinalar que as mães dos meninos contestam a versão do furto. Um país que não protege suas crianças morre com elas. Lucas, Alexandre, Fernando Henrique, Rebeca, Emily, João Pedro, Ágatha, Marcos Vinicius... Quantos mais? Até quando?

Cristina, uma colunista branca, que tem o histórico de escrever sobre política e suas colunas da Folha, cujos temas não necessariamente tratam de questões raciais, desta vez resolveu

comentar o caso dos meninos assassinados em Belford Roxo. A jornalista, ainda, não ofereceu, na coluna acima, espaço para que uma pessoa negra, um co-escritor ou entrevistado, de preferência advindo de periferia ou de Belford Roxo em particular, fale e exponha sua visão e análise sobre o caso e o que faz com que isso continue acontecendo. Ao contrário, quando foi buscar por outras vozes para compor sua escrita, a jornalista recorreu ao músico Chico Buarque, também branco. Isso nos mostra uma necessidade de protagonismo que muitas pessoas brancas têm de querer falar de uma realidade que não é sua e se indignar com casos de preconceito racial e social, ou branquitude<sup>46</sup> crítica<sup>47</sup>, mas sem se inserir no contexto, sem pensar no macro, sem trazer questionamentos sociais mais profundos.

O texto apresenta um caso não isolado de violência seguida de morte de crianças negras moradoras de uma cidade que segundo a autora possui “o maior número de tiroteios e por motivos variados: operações policiais, homicídios, roubos e disputa por controle de territórios entre traficantes e milicianos”. Mas o texto não deixa de ser tendencioso, dado que omite/não apresenta/não questiona o fator crucial para a persistência de tal situação, os privilégios da branquitude e a estrutura que mantém tais privilégios, enquanto mantém situações como essa no cotidiano de parte dos grupos minoritários. Ela inicia sua coluna com uma contextualização factual de tom literário, quase como um mini conto, apresentando os meninos, suas respectivas idades e onde moram. Após isso, ela escreve sua coluna se posicionando de maneira bastante óbvia e repetitiva, se atendo às violências sofridas e comuns cidades/bairros periféricos perigosos, mas não contextualizando as questões sociais que há por trás do descaso apresentado.

Além disso, descreve de forma *proeminente* o contexto violento da cidade, com uma grande *nível de descrição e pormenorização* dele, como se fosse apresentado para justificar a violência sofrida pelos meninos [‘A brutalidade interrompeu a vida deles num cruzamento entre *miséria, desigualdade, violência, crime, abandono, indiferença [...]* operações policiais, homicídios, roubos e disputa por controle de territórios entre traficantes e milicianos. Não bastasse a *ausência do Estado, as balas perdidas, as chacinas sem culpados identificados*, agora temos o *tribunal do tráfico que condena crianças à morte*’]. Até mesmo critica o governo de forma rasa e sem mencionar alguns exemplos do que foi feito (tendo

---

<sup>46</sup> Aqui, a branquitude se configura como um grupo racialmente e culturalmente demarcado.

<sup>47</sup> Ver CARDOSO, Lourenço. Branquitude acrítica e crítica: A supremacia racial e o branco anti-racista. In: Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud (Vol. 8 no. 1 ene-jun, 2010).

impactos positivos ou não) e não feito [*‘Entrou governo, saiu governo (municipal, estadual e federal), Belford Roxo continuou sendo um inferno para viver e criar filhos’*].

**Tabela 4** – Percentual de participação da população negra nas notícias do jornal Correio Braziliense

Correio Braziliense	13-dez.	14-dez.	15-dez.	16-dez.	17-dez.	Total
Coluna Cidades DF	7,4%	0%	2,30%	8,1%	3,57%	<b>3,9%</b>
Coluna de Política	0%	0%	0%	0%	0%	<b>0%</b>
Coluna sobre o Brasil	6,45%	3,20%	4%	4,5%	3,7%	<b>4,4%</b>
Coluna de Economia	0%	7,10%	0%	0%	0%	<b>1,4%</b>
Coluna de Diversão e Arte	12%	12,19%	14,28%	4,4%	14,28%	<b>11%</b>
Coluna de Ciência e Saúde	0%	0%	0%	16,66%	0%	<b>4,16%</b>
Coluna de Esporte	0%	100%	100%	22,2%	0%	<b>39%</b>

Fonte: autoria própria

O jornal Correio Braziliense, do Distrito Federal, o destaque mais significativo ficou na coluna de esportes, com quase 40%. E na Coluna de Política o negro não apareceu sequer uma vez. Destas, selecionamos a seguinte notícia da região local: “Homem é preso suspeito de chamar funcionária de mercado de “preta fedorenta”<sup>48</sup> da Coluna Cidades DF, a qual trata do racismo que uma operadora de caixa sofreu pelo homem acusado.

**Homem é preso suspeito de chamar funcionária de mercado de “preta fedorenta”**

Identificado como Everardo Braga Lopes, o advogado foi preso na noite de quarta-feira (15/12) por injúria racial. A Polícia Militar o deteve em flagrante, na região do Itapoã.

postado em 16/12/2021 22:25 / atualizado em 16/12/2021 22:25

O homem identificado como Everardo Braga Lopes, 60 anos, foi preso após cometer crime de injúria racial contra funcionária de um mercado, na região do Itapoã. O caso aconteceu na quarta-feira (15/12), após ele se recusar a usar máscara facial dentro do estabelecimento.

De acordo com a Polícia Civil do Distrito Federal (PCDF), Everardo se dirigiu ao caixa reclamando também dos preços de alguns produtos e começou a ofender a funcionária, de 25 anos. Ele utilizou palavras como “preta, pobre, fedida e nojenta”, afirmou o delegado da 6ª Delegacia de Polícia (Paranoá), Paulo Henrique Silva, responsável pelas investigações.

Além disso, o preso chegou a puxar a máscara do rosto da vítima dizendo que ela fedida e que sua boca era preta. Com isso, colaboradores e testemunhas tentaram conter o homem, que dizia ser juiz e que ninguém poderia encostar nele. A Polícia Militar do DF (PMDF) prendeu Everardo em flagrante pelo crime de injúria racial, e ele foi encaminhado imediatamente para a 6ª DP.

<sup>48</sup> Disponível em:

<https://www.correiobraziliense.com.br/cidades-df/2021/12/4971435-homem-e-presos-apos-chamar-funcionaria-de-mercado-de-preta-fedorenta.html>

### Crimes

A vítima e testemunhas compareceram a delegacia para prestar depoimento. O suspeito, por ser advogado, foi preso em local separado e acionado pela OAB Seção de Prerrogativas do Advogado.

De acordo com a legislação brasileira, o crime de racismo é aplicado quando a ofensa discriminatória é contra um grupo ou coletividade. Por exemplo, impedir que negros tenham acesso a estabelecimento comercial privado.

Porém o Código Penal, configura como injúria racial a ofensa à dignidade ou decoro, utilizando palavra depreciativa referente a raça e cor com a intenção de ofender a honra da vítima. Na delegacia, os policiais, após consulta ao sistema, encontraram um mandado de prisão contra o homem por descumprimento de medidas protetivas, em relação à Lei Maria da Penha.

### Defesa

Segundo informações da defesa de Everardo Braga Lopes, ele não está preso pelo crime de injúria racial — considerado crime que cabe fiança — e, sim, pelo descumprimento da medida protetiva em relação à lei Maria da Penha. O advogado José Tadeu, relatou ao Correio que a audiência de custódia está marcada para esta sexta-feira (17/12).

“Everardo é um homem de bem, com 60 anos, e está passando por uma fase de depressão aguda, em relação ao término de uma relação longa, acompanhada de surtos. Na verdade, o que está acontecendo é que ele teve problema com o descumprimento da Lei Maria da Penha, então ele não está preso por racismo, e sim pelo outro crime”, disse a defesa.

A primeira coisa a ser observada é o título da notícia (*Homem é preso suspeito de chamar funcionária de mercado de "preta fedorenta"*), o que é tratado como fato ao longo do relato — a injúria racial —, é suavizado no título, o qual alega que ele é suspeito. E, ao contrário do que pode ser inferido pelo título — que o homem foi preso pelo seu ato de injúria racial — ao longo da notícia tal proposição é contrariada, já que ao final é revelado que ele foi preso por outro crime, pressupõe-se violência doméstica, enquadrado na Lei Maria da Penha. Sua defesa utiliza da *autorrepresentação positiva* para salvaguardar sua imagem, como o argumento retórico de que o acusado é “um homem de bem”, que este seria supostamente um caso isolado e que agressão verbal só ocorreu por ele estar passando por um período difícil com sua depressão e problemas com o casamento. Aqui, o negro, vítima da violência, é *secundarizado*, e o agressor, recebeu o foco por suas ações e “justificativas”.

**Tabela 5** – Percentual de participação da população negra nas notícias do jornal Correio

Jornal Correio	13-dez.	14-dez.	15-dez.	16-dez.	17-dez.	Total
----------------	---------	---------	---------	---------	---------	-------

Coluna Minha Bahia	5,26%	10,2%	5,88%	3,1%	20,5%	<b>10,16%</b>
Coluna de Esportes	57,14%	55,55%	36,36%	18,18%	50%	<b>43,85%</b>
Coluna de Entretenimento	35,7%	21%	33,33%	23%	25%	<b>27,8%</b>
Coluna Brasil & Mundo	5,26%	0%	0%	0%	0%	<b>1%</b>

Fonte: autoria própria

O jornal Correio, da Bahia, também deu ênfase ao negro nas Colunas de Entretenimento e Esportes, e como é possível observar, a Coluna Brasil & Mundo, após o dia 13 de dezembro não mais abordou o negro em suas notícias, e no dia em que abordou, foi uma notícia sobre violência policial em locais periféricos: *“Partiu de PM tiro que matou Kathlen Romeu, conclui polícia”*<sup>49</sup>. Destas notícias, selecionamos a notícia da região local, ou seja, da Coluna Minha Bahia: *“Jovens que fazem a diferença: conheça os baianos finalistas do Prêmio Prudential”*<sup>50</sup>, a qual trata do reconhecimento de três jovens por suas ações sociais voluntárias, dando também um contexto sobre sua trajetória e motivações.

### Jovens que fazem a diferença: conheça os baianos finalistas do Prêmio Prudential

Prêmio reconhece a ação de jovens voluntários no Brasil

14.12.2021, 05:36:00



Da esq. para dir.: Felipe Carvalho, João Victor Conceição e João Victor Santos (Acervo Pessoal)

Um atua no combate ao racismo e a violência policial. O outro ensina programação para estudantes. E o terceiro simula debates da Organização das Nações Unidas (ONU). Três projetos, três jovens

<sup>49</sup> Disponível em:

<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/partiu-de-pm-tiro-que-matou-kathlen-romeu-conclui-policia/>

<sup>50</sup> Disponível em:

<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/jovens-que-fazem-a-diferenca-conheca-os-baianos-finalistas-do-premio-prudential/>

que desejam fazer a diferença. Os baianos Felipe Carvalho, João Victor Santos e João Victor Conceição têm entre 18 e 19 anos, mas a pouca idade não impede as muitas ideias para transformar o mundo. Os jovens ficaram entre os 10 finalistas do Prêmio Prudential Espírito Comunitário 2021, realizado nesta segunda-feira (13). Não venceram a final, mas só de estar entre os 10 primeiros valeu a pena, afirmaram. A premiação reconhece ações de voluntariado no Brasil.

Atuando no combate à discriminação racial, o coletivo 'Incomode' concorreu ao primeiro lugar do concurso. Quem representa a organização, que conta com mais de 100 pessoas, é o estudante João Victor Silva Conceição, 18. Ele acabou de concluir o ensino médio em uma escola pública, mora na ocupação Quilombo do Paraíso, no subúrbio de Salvador, e tem uma filha de 1 ano e três meses.

Vítima de racismo e violência policial, João Victor Conceição viu nas próprias dores o as principais motivações para a criação do coletivo, em 2017. "Eu trabalhava como baleiro, porque minha mãe sempre me criou sozinha com meus irmãos. Certa vez, eu estava no ônibus vendendo e o policial pediu para o motorista parar e todo mundo descer, achando que eu estava armado e com drogas. Ele jogou minha mercadoria fora e me tirou do coletivo", conta o jovem.

Outra situação foi um linchamento sofrido a caminho da escola. "Eu usava uma corrente com pingente de arma. O policial disse que eu era vagabundo, levou meu dinheiro e ficou por isso mesmo. A gente sofre por ser da periferia e, mais ainda, por ser negro". Foi então que ele decidiu promover a conscientização sobre o racismo e a violência contra a juventude negra, junto com um grupo de amigos e colegas da escola,

Ao todo, o coletivo 'Incomode' abrange 10 escolas e mais de 250 alunos. Eles fazem ainda uma marcha anual, no dia 20 de junho, que vai do Lobato a São Bartolomeu, que reúne entre mil e duas pessoas. Ela motivou a sanção da lei que criou o Dia Estadual da Luta Contra o Encarceramento da Juventude Negra. Além do racismo, o grupo discute feminicídio e os direitos da população LGBTQIA+. Em parceria com o Juventude Negra em Participação Política (JNPP), uma cartilha foi lançada, em 2019, compilando as informações sobre os temas, como as leis aprovadas e locais de denúncia.

O jovem não esperava concorrer ao prêmio. "Estamos felizes só em saber que ficamos entre os finalistas. É uma emoção que não tem como explicar. A nossa pauta é fazer projetos voltados para a luta dos jovens negros da periferia, das mães negras da periferia e das mães solteiras", explicou o estudante.

### **Debates**

Felipe Carvalho, 18, participou da competição pelo seu trabalho no Instituto Diplomun. Ele criou a organização sem fins lucrativos, em março de 2020, para democratizar as simulações da ONU, o mundo da diplomacia e habilidades como oratória, liderança e negociação. Nos quase dois anos de projeto, mais de 14 mil pessoas foram impactadas, de 23 países diferentes. A maioria dos cursos é gratuita e em português. Porém, alguns comitês de simulação também são feitos em inglês.

"Temos o objetivo de democratizar a diplomacia e as simulações da ONU, realizando bootcamps [treinamento intensivo, na tradução do inglês, usado para definir projetos que juntam várias pessoas em um treinamento técnico] e falando de política internacional. Para isso, fazemos várias palestras com diplomatas e professores de Harvard; além de dinâmicas para as pessoas desenvolverem projetos e, com frequência, simulações da ONU", explica Felipe.

Na Bahia, eles têm parceria com escolas estaduais, através da Secretaria de Educação do Estado da Bahia (SEC). Em um evento realizado em novembro, mais de 100 alunos – incluindo quilombolas e pessoas com deficiências - de 80 municípios participaram de simulações, workshops e cursos. Foi a primeira vez que a simulação da ONU ocorreu em escolas estaduais. Os estudantes ficaram hospedados no Hotel Fiesta e tiveram 80 horas de atividades.

Felipe pretende usar a visibilidade do Prêmio Prudential para investir na organização, a partir do recrutamento de mais pessoas para compor a equipe. No momento, apenas sete pessoas fazem parte do grupo. Para o futuro, ele pensa em seguir carreira em Relações Internacionais, nas áreas de política e educação, nos Estados Unidos.

### **Programação**

Já João Victor Santos, 19, inova em voluntariado na área de tecnologia. Ele criou, no início de 2020, o Code Lab, que ensina programação gratuitamente para estudantes entre 14 e 23 anos de todo o Brasil através de mentorias e workshops. Ao todo, cerca de 200 pessoas participaram das atividades desenvolvidas pelo projeto. “Nosso objetivo principal é conectar mentores voluntários com pessoas que tenham o desejo de aprender programação e transformar sua comunidade”, explica.

Ele começou a aprender programação aos 15 anos, no Instituto Federal da Bahia (Ifba), onde faz curso técnico de informática. O desejo de criar o Code Lab surgiu ali. “Comecei a perceber que o acesso que tive de programação da minha escola não era uma realidade no panorama geral de todos os estudantes, principalmente os de escola pública. A partir disso, comecei a pensar formas de solucionar isso”, conta.

As aulas são online e têm duração de até seis meses, duas horas por semana. Ao todo, 30 mentores voluntários participam do projeto. O objetivo é também promover inclusão. “Além de democratizar o acesso, nosso foco é trazer mais inclusão, porque o mercado da programação é marcado por pessoas brancas, heterossexuais e do gênero masculino. Então, nas nossas escolhas, sempre optamos mais pelo público feminino e LGBTQIA+”, completa.

A intenção do rapaz é investir cada vez mais no Code Lab. “Ser finalista da Prudential é uma responsabilidade muito grande e mostra que o projeto deve continuar. Por isso, nosso objetivo é trazer o curso para escolas e providenciar o material para pessoas que não têm computador ou internet aprenderem programação”.

Essa coluna demonstra como as iniciativas individuais ou coletivas pequenas, e de enfrentamento brando ou pacífico são recompensadas e noticiadas, enquanto as maiores de enfrentamento mais direto com um impacto maior na estrutura são repudiadas por grande parte dos jornais (Movimento Sem Terra (MST), Movimento Negro Unificado (MNU), etc.) e por grande das premiações. É claro, pequenas iniciativas são essenciais para pequenas grandes mudanças, mas o fato de que muitas organizações, grupos midiáticos e premiações apoiarem majoritariamente pequenos grupos, nos parece haver necessidade de controle, como se quisessem estipular ‘até onde essa mudança pode ir’ e evitar grandes impactos na estrutura social e econômica.

O nosso foco é nos estudantes, João Victor Conceição (vítima de racismo e violência policial) e João Victor Santos (ensina programação gratuitamente), os quais são fenotipicamente considerados negros. Conceição se encaixa na narrativa recorrentemente direcionada à maioria dos jovens negros, advindo de escola pública, morador da periferia, vítima de

violências diárias motivadas pela discriminação [‘A gente sofre por ser da periferia e, mais ainda, por ser negro’], entretanto, o foco da matéria se escora na superação de todas as adversidades e na construção de algo positivo, pensado para ajudar aqueles que passam por situações semelhantes às dele e no fato ter concorrido a um prêmio importante. Santos, no entanto, é estudante de escola particular, criou seu projeto para beneficiar aqueles com realidades diferentes da sua, reconhecendo que a área que pretende ingressar não é tão acessível para pessoas menos favorecidas e tomada massivamente por um padrão único [‘o mercado da programação é marcado por pessoas brancas, heterossexuais e do gênero masculino’].

Através dessas falas, vemos que ambos têm uma consciência de que lugar ocupam e qual gostariam de ocupar, enfrentando a estrutura racista e discriminatória por meio da educação e de oportunidades. Como podemos observar, são fundadores e representantes de grupos e coletivos que pretendem fazer impactos na educação de jovens de origens e locais diversos e vulneráveis e na estrutura racial vigente são raramente premiados e recebem um destaque positivo na mídia.

**Tabela 6** – Percentual de participação da população negra nas notícias do jornal Zero Hora

<b>Zero Hora</b>	<b>13-dez.</b>	<b>14-dez.</b>	<b>15-dez.</b>	<b>16-dez.</b>	<b>17-dez.</b>	<b>Total</b>
Coluna de Porto Alegre	0%	0%	0%	0%	10%	<b>2,77%</b>
Coluna de Política	0%	0%	0%	3,7%	0%	<b>0,8%</b>
Coluna de Economia	0%	1,5%	1,2%	0%	0%	<b>0,59%</b>
Coluna de Esporte	22,4%	23,9%	27,20%	28%	21,37%	<b>24,75%</b>
Coluna de Cultura e Lazer	8,3%	14,8%	23%	11,1%	15,6%	<b>14,7%</b>

Fonte: autoria própria

O jornal Zero Hora, do Rio Grande do Sul, o qual circula na região com a menor porcentagem de negros no país, apresenta, também, os menores percentuais de participação da população negra nas notícias. O jornal tem um grande enfoque em sua Coluna de Esporte, sendo a que possui mais postagens diárias acerca desse tópico dentre todos os jornais analisados (cerca de 180 por dia). Por essa razão, trabalhamos, para a análise deste jornal, com títulos de notícias da coluna de esportes, os quais exprimem os significados expostos anteriormente acerca da população negra e sua representação nas notícias de esportes, como a estigmatização do negro no esporte e a relação de corporiedade (negros) x intelectualidade

(brancos). Assim, selecionamos os títulos que tratam de contratações, a maioria segue o padrão das notícias selecionadas, o negro sendo o negociado, não o negociador. A título de exemplo, expomos os títulos das notícias sobre o jogador Ednilson postadas ao longo dessa semana, bem como os andamentos de sua contratação, em diferentes matérias ao longo da semana de análise:

A: “Rodrigo Caetano nega negociação com o Inter por Ednilson”<sup>51</sup>,

B: “Atlético-MG tem interesse em Ednilson, do Inter”<sup>52</sup>,

C: “A linha do tempo das vezes em que Ednilson recebeu propostas para deixar o Inter”<sup>53</sup>,

D: “Palmeiras e Atlético-MG projetam insistir em propostas por Yuri Alberto e Ednilson”<sup>54</sup>.

É possível observar que em todos os títulos Ednilson é *secundarizado*, limitado ao papel de *comentário* e limitado ao papel de ‘mercadoria a ser negociada’, algo que é comum no esporte. No entanto, como já exposto anteriormente o problema reside no fato de esse ser o papel recorrente dos negros no esporte, enquanto aos brancos, tanto os papéis de jogadores quanto o de dirigentes/técnicos/comentaristas, são comuns. Os títulos das notícias acima, confirmam essa problemática, a qual é observada com muita frequência na grande maioria dos títulos e notícias sobre esportes, não apenas nos exemplos expostos.

Como pode ser observado, no primeiro título, o técnico Rodrigo Caetano, branco, é *topicalizado*, ou seja, posto em evidência como tomador de decisões e porta-voz das negociações do clube. Já no segundo título, esse papel é dado ao clube Atlético Mineiro (implicitamente, sua diretoria), que demonstra interesse na compra do jogador. No terceiro, fica implícito quem propõe, mas infere-se que se trate de clubes ou seus dirigentes, já que são eles que fazem propostas para os jogadores, portanto o que foi *topicalizado* são as propostas recebidas por ele para deixar o clube. Por fim, no último, os clubes Palmeiras e Atlético

---

<sup>51</sup> Disponível em:

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/inter/noticia/2021/12/rodrigo-caetano-nega-negociacao-com-o-inter-por-ednilson-ckx9orh2o00dv015pll0jhjp3.html>

<sup>52</sup> Disponível em:

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/inter/noticia/2021/12/atletico-mg-tem-interesse-em-ednilson-do-inter-ckx7sbud7005b014cube6hnfe.html>

<sup>53</sup> Disponível em:

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/inter/noticia/2021/12/a-linha-do-tempo-das-vezes-em-que-ednilson-recebeu-propostas-para-deixar-o-inter-ckx90xlqn00390188pjgnykls.html>

<sup>54</sup> Disponível em:

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/inter/noticia/2021/12/palmeiras-e-atletico-mg-projetam-insistir-em-propostas-por-yuri-alberto-e-ednilson-ckxakn8gf005b0188j2rng7p3.html>

Mineiro *topicalizados*, se mostram interessados em Edenilson (negro) e em Yuri Alberto (branco).

## 7. CONCLUSÕES

A partir da apreciação crítico-reflexiva dos dados, constatou-se que a sub-representação da população negra ainda é uma problemática observável. Apesar de ser parte majoritária da população e dos esforços empenhados para a mudança desse cenário, ficou evidente que ainda há muito o que ser reparado, como a contratação de mais jornalistas autodeclarados negros. Da mesma forma, foi presente em nosso corpus a limitação quanto à atribuição de papéis a essa parcela da população e a forma com que continuam a ser retratados, já que na maioria das vezes, é associada a acontecimentos negativos (violentos, vulneráveis) e promove uma visão limitada acerca das subjetividades dos negros. Na busca para responder à pergunta (“*De todas as notícias em que negro aparece, quais são as colunas e os tópicos mais recorrentes? E as menos recorrentes?*”) que guiou a segunda parte de nossa análise, foi constatado e apresentado quais papéis foram atribuídos e não atribuídos aos negros, além do fato de que esse cenário ecoa em todos os cinco jornais analisados. Constatou-se que os tópicos mais recorrentes foram os relacionados às colunas de Esporte e Entretenimento, e menos recorrentes nos relacionados às colunas de Política e Economia.

Da mesma forma, foram analisadas, segundo as noções da Semântica Discursiva e da Análise Crítica do Discurso de Van Dijk (1993; 1997; 2015), os significados contidos nas notícias veiculadas nos jornais, quais as origens, intenções e como esses significados podem moldar e influenciar a cognição social. Se manifestando através da *seleção* (escolha de temas específicos) e *proeminência* (destaque) de certos tópicos, ou seja, a atribuição repetitiva dos mesmos papéis aos negros (criminosos, artistas, esportistas, coadjuvantes na maioria dos assuntos, etc.), da forma com que a notícia é narrada, que sujeitos são *topicalizados* (colocados em foco, de quem se fala) e *secundarizados* (deixados em segundo plano, pouco explorados) e em que situações (papéis), dentre outras noções semânticas.

A partir disso, foi possível responder às seguintes perguntas feitas no início deste trabalho: “*O que é ser negro no país em que se nega a existência do racismo?*”; ser negro no Brasil é enfrentar uma série de movimentos e violências que incentivam e justificam o apagamento dessa população, bem como secundariza o seu sofrimento, alegando a existência da conhecida democracia racial e da meritocracia nas conquistas e acessos do grupo dominante.

Como apontado anteriormente por Gomes (2005, p. 43), é difícil construir uma identidade e representação positivas e uma noção de autoamor dos negros diante de todo o processo de apagamento, representações negativas e limitadas. “*Como esse negro é visto, como é representado com os diversos processos de apagamento e extinção de seus corpos?*”; como foi apresentado na análise do corpus, vimos que ainda há problemáticas observáveis no cerne do discurso midiático com relação à limitação na representação dos negros, o que, segundo Charaudeau (2013), revela a relação de espelhamento entre discurso e sociedade, já que tais problemáticas não têm origem e não acontecem somente nos campos discursivos. E, por fim, “*Como o processo colonial contribuiu para essa representação e como ele influencia as relações sociais nos dias de hoje?*”; seria no mínimo estranho desvincular as problemáticas sociais contemporâneas do processo colonial, já que a (re)produção de estereótipos, a opressão, o silenciamento, as estruturas sociais, entre outras questões, são resquícios coloniais.

Dessa forma, esperamos, com trabalhos futuros, sermos capazes de analisar, dentro de um maior espaço de tempo, a partir de mais ou diferentes perspectivas (mais/outros jornais ou outros tipos de discursos midiáticos) e com uma riqueza maior de detalhes, como essas matérias retratam os negros e, se há um empenho, como se empenham em dar fim a essa, a partir de uma análise comparativa — comparando como costumavam ser abordadas temáticas sobre/com o negro e como passaram a ser abordadas após as mudanças. Ademais, quais outras formas poderiam ser postas em prática para potencializar tal mudança.

## REFERÊNCIAS

**O POVO Online.** “É instintivo do ser humano ter um pouco de racismo”, diz influencer Luisa Nunes. Youtube, 4 jun. 2020. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=bKyU4YT3ZHk&ab\\_channel=OPOVOOnline](https://www.youtube.com/watch?v=bKyU4YT3ZHk&ab_channel=OPOVOOnline). Acesso em: 20 out. 2021.

ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. **O elogio ao negro no espaço do futebol: entre a integração pós-escravidão e a manutenção das hierarquias sociais.** Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Campinas, v. 30, n. 2, p. 9-23, 2009. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=401338537002> Acesso em: 20 dez. 2021.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Chimamanda Adichie: o perigo de uma única história.** Disponível em: <https://youtu.be/D9Ihs241zeg> Acesso em: 18 jan. 2021.

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?**. Belo Horizonte. Letramento, 2018.

AMÂNCIO, Cardes Monção. **Biopolítica, cinema e a construção do devir-afro-pindorâmico**. Tese (doutorado) – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, Belo Horizonte, 2019.

DIVERIO, Rafael. DUARTE, Filipe. Atlético-MG tem interesse em Edenilson, do Inter. **Zero Hora**, Porto Alegre, 15 dez. 2021. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/inter/noticia/2021/12/atletico-mg-tem-interesse-em-edenilson-do-inter-ckx7sbud7005b014cube6hnfe.html>. Acesso em: 15 dez. 2021.

BELLANDI, Caio. **Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil**. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. 13 nov. 2019. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/25998-menos-de-um-quarto-dos-deputados-federais-eleit-os-sao-pretos-ou-pardos>. Acesso em: 05 dez. 2021.

BILHEIRO, Ivan. **A legitimação teológica do sistema de escravidão negra no Brasil**. Juiz de Fora, p. 91-101, 2008. Disponível em: [https://www.cesjf.br/revistas/cesrevista/edicoes/2008/a\\_legitimacao.pdf](https://www.cesjf.br/revistas/cesrevista/edicoes/2008/a_legitimacao.pdf) Acesso em: 20 set. 2021.

BRITO, Aline. 1% dos homens brancos ricos recebem mais que todas mulheres negras do Brasil. **Correio Braziliense**, Brasília, 14 dez. 2021. Disponível em: <https://www.correio braziliense.com.br/economia/2021/12/4970921-1-dos-homens-brancos-ricos-recebem-mais-que-todas-mulheres-negras-do-brasil.html>. Acesso em: 14 dez. 2021.

BUCCI, Eugênio. **Existe democracia sem verdade factual?: Cultura, política, imprensa e bibliotecas públicas em tempos de fake news**. [S.l: s.n.], 2019.

CANO, Márcio Rogério de Oliveira. **A manifestação dos estados de violência no discurso jornalístico**. 185 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. Tradução: M S Corrêa. 2. ed., São Paulo: Contexto, 2013.

CHARAUDEAU, Patrick. **Os estereótipos, muito bem. Os imaginários, ainda melhor**. Traduzido por André Luiz Silva e Rafael Magalhães Angrisano. Entrepalavras, Fortaleza, v. 7, p. 571-591, jan./jun. 2017.

D'ANCONA, Matthew. **Pós-verdade: A nova guerra contra os fatos em tempos de fake news**. Barueri: Faro, 2018.

FLICK, Uwe. **O que é pesquisa qualitativa?**. Coleção Pesquisa Qualitativa. 2009. Disponível em: <https://statics-submarino.b2w.io/sherlock/books/firstChapter/7152068.pdf> Acesso em: 19 mar. 2022.

FOLHA triplica número de colunistas e blogueiros negros. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 19 dez. 2021. Folha, 100. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/folha-100-anos/2021/12/folha-triplica-numero-de-colunistas-e-blogueiros-negros.shtml>. Acesso em: 19 dez. 2021.

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão**. In: MEC - Secad (Org.). Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal no. 10.639/2003 - Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: Ministério da Educação, 2005.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. **Classes, raças e democracia**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012.

HALL, Stuart. **Questão Multicultural**. In: Da diáspora: identidade e mediações culturais. Liv Sovik (org). Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 51-100, 2003.

HOMEM é preso suspeito de chamar funcionária de mercado de "preta fedorenta". **Correio Braziliense**, Brasília, 16 dez. 2021. Racismo. Disponível em: <https://www.correio braziliense.com.br/cidades-df/2021/12/4971435-homem-e-preso-apos-chamar-funcionaria-de-mercado-de-preta-fedorenta.html>. Acesso em: 16 dez. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Informativo PNAD Contínua 2019 – **Características gerais dos domicílios e dos moradores**. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2012/2019. 26 de maio de 2020. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101707\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101707_informativo.pdf). Acesso em: 10 jan. 2022.

JUNIOR, Valter. A linha do tempo das vezes em que Ednilson recebeu propostas para deixar o Inter. **Zero Hora**, Porto Alegre, 16 dez. 2021. Notícia. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/inter/noticia/2021/12/a-linha-do-tempo-das-vezes-e-m-que-ednilson-recebeu-propostas-para-deixar-o-inter-ckx90xlqn00390188pjgnykls.html>. Acesso em: 16 dez. 2021.

MARINGONI, Gilberto. **História - O destino dos negros após a Abolição**. Ano 8. Edição 70. São Paulo, 2011. Disponível em: [https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com\\_content&id=2673%3Acetid%3D28](https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&id=2673%3Acetid%3D28). Acesso em: 17 set. 2021.

MBEMBE, Achille. **A crítica da Razão Negra**. n-1 edições, 1ª edição. 2018a.

\_\_\_\_\_. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção e política da morte**. São Paulo: n-1 edições, 2018b.

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1967.

MODESTO, R. Os discursos racializados. **Revista da ABRALIN**, v. 20, n. 2, p. 1-19, 20 jul. 2021. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/download/1851/2289/>. Acesso em: 6 abr. 2022.

MONSMA, Karl. **Racialização, Racismo e Mudança: Um Ensaio Teórico com Exemplos do Pós-abolição Paulista**. XXVII Simpósio Nacional de História. ANPUH Brasil. Natal, 2013. Disponível em: [http://snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364748564\\_ARQUIVO\\_Monsmatrabalho.pdf](http://snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364748564_ARQUIVO_Monsmatrabalho.pdf). Acesso em: 2 ago. 2021.

\_\_\_\_\_. **Negritude: usos e sentidos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020 (Coleção Cultura Negra e Identidades).

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

\_\_\_\_\_. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. In: Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira [S.l: s.n.], 2004. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-nooes-de-raca-racismo-identidade-e-etnia.pdf> Acesso em: 20 ago. 2021.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2016. Disponível em: [https://daffy.ufs.br/uploads/page\\_attach/path/11062/Sociologia\\_9d.pdf](https://daffy.ufs.br/uploads/page_attach/path/11062/Sociologia_9d.pdf) Acesso em: 20 abr. 2021.

\_\_\_\_\_. **O quilombismo**. 2ª ed.. Fundação Palmares, Brasília/Rio de Janeiro. 2002.

SILVA, André. Palmeiras e Atlético-MG projetam insistir em propostas por Yuri Alberto e Edenilson. **Zero Hora**, Porto Alegre, 17 dez. 2021. Notícia. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/inter/noticia/2021/12/palmeiras-e-atletico-mg-projetam-insistir-em-propostas-por-yuri-alberto-e-edenilson-ckxakn8gf005b0188i2rng7p3.html>. Acesso em: 17 dez. 2021.

SANTOS, André Cordeiro dos, RODRIGUES, Siane Gois Cavalcanti. **Discurso jornalístico e a suposta imparcialidade: os modos de apropriação do discurso de outrem como indicativos de posicionamentos ideológicos**. Alfa, São Paulo, v.61, n.3, p.525-543, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alfa/a/StfCbMGM3DHqwkL7j7KZhfS/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 nov. 2021.

SANTOS, B.S. **Percursos para as epistemologias do Sul**. In: O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

SANTOS, Milton. Ser negro no Brasil hoje. **Folha de S. Paulo**. 07 de maio de 2000. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/772221/mod\\_resource/content/1/Se.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/772221/mod_resource/content/1/Se.pdf) Acesso em: 20 ago. 2021.

SERRA, Cristina. Três meninos do Brasil. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 13 dez. 2021. Colunas e Blogs. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/cristina-serra/2021/12/tres-meninos-do-brasil.shtml>.

Acesso em: 13 dez. 2021.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

STASZAK, Jean-François. **Other/Otherness**. In: Kitchin & Thrift (Ed.). *International Encyclopedia of Human Geography: A 12-Volume Set*. Oxford: Elsevier Science, 2008.

RIBEIRO, Sara Guimarães. **O discurso da branquitude nas redes sociais: o ethos discursivo e a cenografia no Instagram**. CETEC, 2021.

RODRIGO Caetano nega negociação com o Inter por Edenilson. **Zero Hora**, Porto Alegre, 17 dez. 2021. Notícia. Disponível em:

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/inter/noticia/2021/12/rodrigo-caetano-nega-negociacao-com-o-inter-por-edenilson-ckx9orh2o00dv015pl10jhjp3.html>. Acesso em: 17 dez. 2021.

VAN DIJK, Teun A. **Discurso e poder**. São Paulo: Contexto, 2015.

\_\_\_\_\_. **New(s) racism: A discourse analytical approach**. In: Cottle S (ed.) *Ethnic Minorities and the Media*. Milton Keynes: Open University Press. 2000.

\_\_\_\_\_. **Semântica do Discurso e Ideologia**. In: PEDRO, Emília Ribeiro (org.). *Análise crítica do discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional*. Lisboa: Caminho, 1997.

\_\_\_\_\_. **Stories and racism**. In: D. Mumby (Ed.), *Narrative and Social Control* (p. 121-142). Newbury Park, CA: Sage. 1993.

VILLAR, Marcela. Jovens que fazem a diferença: conheça os baianos finalistas do Prêmio Prudential. **Jornal Correio**, Salvador, 14 dez. 2021. Salvador. Disponível em:

<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/jovens-que-fazem-a-diferenca-conheca-os-baianos-finalistas-do-premio-prudential/>. Acesso em: 14 dez. 2021.

## ANEXO A – Matéria do Correio Braziliense

Seções  CORREIO BRAZILIENSE Economia

DESIGUALDADE

# 1% dos homens brancos ricos recebem mais que todas mulheres negras do Brasil

Os dados são de pesquisa da Made/USP e escancaram a desigualdade social e salarial no país. O primeiro grupo tem renda média de R\$ 114 mil, enquanto a delas é R\$ 1,6 mil

AB Aline Brito

postado em 14/12/2021 22:59

 (crédito: Ana Carolina Fernandes/Divulgacao)**Assine a nossa newsletter**

Digite seu endereço de e-mail para acompanhar as notícias diárias do Correio Braziliense.

**INSCREVA-SE****MAIS LIDAS**

- 1 **Brasil diz que vai produzir mais petróleo após pedido dos EUA**  
09.03 - 15/03/2022 - Compartilhe   
- 2 **Sindicobustíveis/DF: empresários aguardam Confaz para reduzir**

A [desigualdade social é evidente em todos os lugares do país](#). Também não é segredo a diferença entre homens e mulheres, que fica mais acentuada quando olhamos para os privilégios vividos por homens brancos, distantes da realidade de mulheres negras do Brasil. Esses extremos ficam tangíveis quando colocados em números, e foi isso que mostrou uma pesquisa realizada pelo Centro de Pesquisa em Macroeconomia das Desigualdades, da Universidade de São Paulo (Made/USP).

Os índices alarmantes da disparidade salarial do Brasil colocam as mulheres negras na base. A realidade é que 1% dos homens brancos que ocupam o topo dos mais ricos do país, 0,57% da população brasileira, um total de 705 mil pessoas, recebem mais que todas as 32,7 milhões de mulheres negras no Brasil, que representam 26% dos adultos. Eles, juntos, concentram 15,3% da renda, enquanto elas 14,3%.

Enquanto as mulheres negras têm renda média de R\$ 1691,45, esses 705 mil homens têm, em média, R\$ 114.944,50. Uma diferença de mais de R\$110 mil mensais. Com base nesses números, a pesquisa sugere que é de suma importância “dar atenção especial às mulheres negras em estudos e desenhos de políticas públicas”.

Mas os números não significam que não existam mulheres negras ocupando o topo. Existem, mas em proporções absurdamente menores. Homens brancos e mulheres negras estão em extremos totalmente opostos da apropriação de renda. Segundo a publicação, observando a parcela das maiores rendas do país, os homens brancos detêm aproximadamente 28% da renda, contra 4% da apropriada pelas mulheres negras. “Ou seja, a parcela da renda recebida pelos homens brancos nos 10% mais ricos é sete vezes maior que a das mulheres negras nesse mesmo decil”, revelou o trabalho.

O estudo intitulado *Quanto fica com as mulheres negras? Uma análise da distribuição de renda no Brasil*, analisou a desigualdade de renda sob o recorte de raça e gênero a partir de uma base de dados da Pesquisa de Orçamento Familiares mais recente (POF 2017-18) com dados administrativos do Imposto de Renda, disponibilizados pela Receita Federal.

## **Branco no topo**

Além de analisar os dados pelo recorte de gênero, a pesquisa também constatou que a parcela dos 10% mais pobre dos adultos acima de 18 anos é ocupada por negros, representando 70% do total, enquanto os brancos, representam um terço.

O quadro se inverte por completo quando analisamos os 0,1% mais ricos do Brasil: 83% são brancos e 17% negros. “A população se torna proporcionalmente mais branca quando avançamos em direção aos décimos de renda mais elevados”, ponderou o estudo.

Além disso, analisando os cerca de 8,6 milhões de adultos brancos que integram o topo dos mais ricos, constatou-se que eles ficam com 41% de toda a renda do Brasil. Isso representa quase sete pontos percentuais a mais que a renda de todos os adultos negros, somando mais de 67,7 milhões de pessoas que concentram 35% do montante. “Fica nítido que a pobreza tem fortes viés racial, com a população negra sendo a maioria da população pobre. No entanto, é particularmente a mulher negra que representa o decil mais baixo da renda, sendo 4 vezes mais presentes do que homens brancos nesse grupo”, afirmou o estudo.

---